

# TEATRO AO ENCONTRO DO POVO

PELA RENOVAÇÃO POPULAR DO TEATRO NACIONAL  
ÓRGÃO DO MOVIMENTO "TEATRO AO ENCONTRO DO POVO"

ANO 1

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1972

Nºs 2/3/4

## DO CONTEÚDO:

Entrada 26 2 73  
Número



TCHAU CARAMINHOLAS!

PERSONA

# O TEATRO ENTRA NA GRANDE ÁREA GOL! GOL!

De Tales Lima

Estamos em Londrina. No campo de futebol do Botafogo do Jardim Leonor jogará o quadro local contra o União do Jardim do Sol.

Os dois quadros estão em campo batendo bola, logo o jogo deve começar, a torcida está presente, será um jogo equilibrado que interessa aos dois bairros vizinhos.

Mas parece que vai haver uma mudança no programa, o capitão do quadro do Botafogo está dando umas explicações, vai haver uma preliminar. Preliminar? Mas cadê os quadros?

Um caminhão entra no campo e pára junto à grande área do lado do bar. Para que este caminhão?

Mas logo vem a explicação, vai ser uma preliminar diferente, uma preliminar a cargo do "Kubículo", que não é quadro de futebol mas grupo de teatro. Teatro? Teatro aí no campo? Como preliminar de jogo? Ué, que bossa é essa? E o tal caminhão para que serve? O caminhão vai ser palco. Caminhão como palco? Campo de futebol como teatro? Torcida como platéia?

Uns rapazes distribuem folhetos explicativos e convidam o povo a acercar-se do caminhão para assistir ao espetáculo chamado "O dia", que vai ser apresentado em seguida. O público fica sabendo que o espetáculo que vão presenciar faz parte de um movimento mais amplo chamado "Teatro ao Encontro do Povo", um movimento de caráter nacional.

A torcida invade o campo, não é para bater no juiz, para interromper o jogo, é para assistir de perto esta preliminar mais estranha que já se viu.

O espetáculo começa, o Kubículo apresenta seu vibrante "Dia", é um espetáculo de jograis onde versos de Castro Alves, Homero Homem e Luiz Gama se misturam com palavras de Martin Luther King e poemas do próprio grupo, para cantar a liberdade e dignidade de todos os homens e a condenação dos preconceitos e do racismo.

Batuque, Batucada... é o canto ritmado do começo. Batuque, Batucada... as palmas dos jovens atores fazem a vez da percussão, uma cena movimentada, coreografia bem planejada, um jogral diferente. Os versos nobres dos poetas da abolição ressoam no campo de futebol, será que conseguem interessar a torcida? Alguns tinham manifestado sua impaciência ante a preliminar insólita e inesperada. Quanto tempo dura o negócio?", perguntaram e diante da resposta "40 minutos", disseram, "tanto assim?" Tanto assim teriam que esperar até o começo do jogo? Pois vieram para assistir ao jogo e não ao teatro.

Mas agora seus olhos estão presos na carroçaria do caminhão on-

de sete rapazes e uma moça fazem desfilar diante deles a história do cativo. Em palavras de Castro Alves, Pedro Medina, Amiro Alves e Emílio Inashi descrevem a travessia dos negros cativos, acorrentados, inermes, saudosos da pátria que fica para trás. A voz forte, vibrante, apaixonada de Shirley Soares se destaca dos murmúrios do coro: "Há povos que sua bandeira emprestam..." Aparece Roldão de Oliveira como o poeta negro Luiz Gama, enfrentando os preconceitos e apontando o caminho da abolição.

Há diálogos entre os senadores, pró e contra a liberdade dos escravos. Carlos Righi e Luiz Altafini são agora senadores do Império, pouco depois todos juntos são etíopes, enfrentando a invasão do seu país. Paulo Barretá San Martin é Kennedy em Dallas "Irei de carro aberto..."

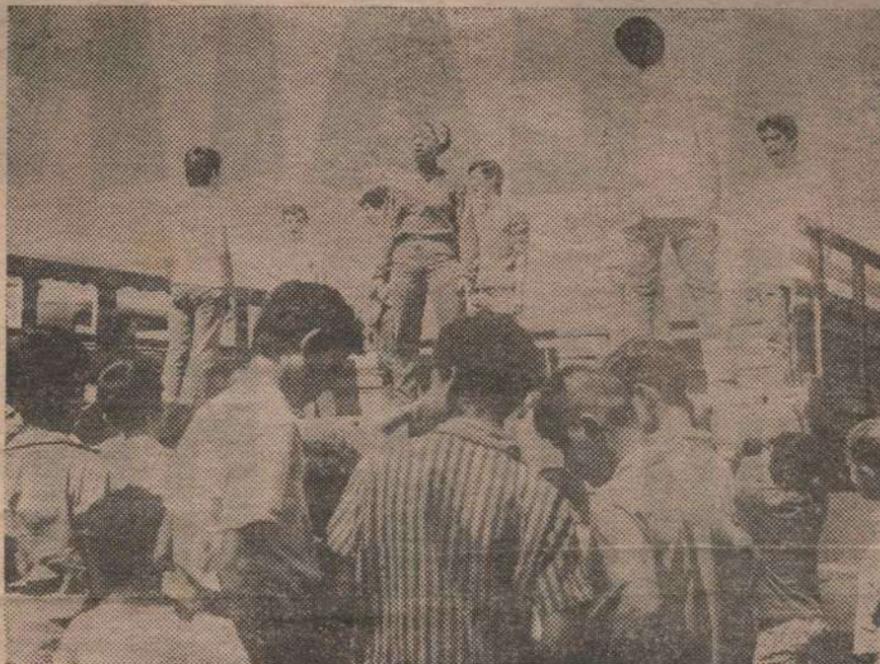
O espetáculo prossegue, os jogadores dos dois times assistem em grupo, no começo houve algumas risadas, "Estão falando em vocês" dizem rindo para dois jogadores do "União". Mas o espetáculo prende, cativa, os atores convencem, aí tem sinceridade, convicções, espírito de luta.

Teatro e futebol se encontram em campo, não para jogar, mas para se unir. Depois do espetáculo há ainda um diálogo entre o Kubículo e a torcida. Já não há mais pressa para iniciar o jogo. Todos querem saber mais detalhes. Por que teatro em campo de futebol? — Porque no campo de futebol está o povo — e o novo teatro popular têm encontro marcado com o povo.

Assim a torcida fica sabendo que "Teatro ao Encontro do Povo" nasceu há cinco anos em Santos, sob a liderança de Otto e Florence Buchsbaum, que continuam à testa do movimento e que neste momento estão presentes no campo de futebol do bairro londrinense.

Teatro ao Encontro do Povo — que desde o início têm sido um movimento prático, um encontro do povo com o teatro na praça pública — está em expansão.

É um movimento que pretende arrancar o teatro das estreitas salas de espetáculo, para conseguir sua renovação em contato com o povo. Para isso este novo teatro popular têm enfrentado todo tipo de ambiente onde é possível reunir uma assistência. O começo foi nos morros de Santos, depois houve a expansão para praças públicas dos bairros populares, fábricas, quartéis, vilas de pescadores, navios de guerra etc. O movimento se expandiu para outras cidades, outros Estados. Sua finalidade é no



dizer de Otto e Florence a "renovação popular do teatro nacional". "Vamos mudar a face do teatro nacional", dizem.

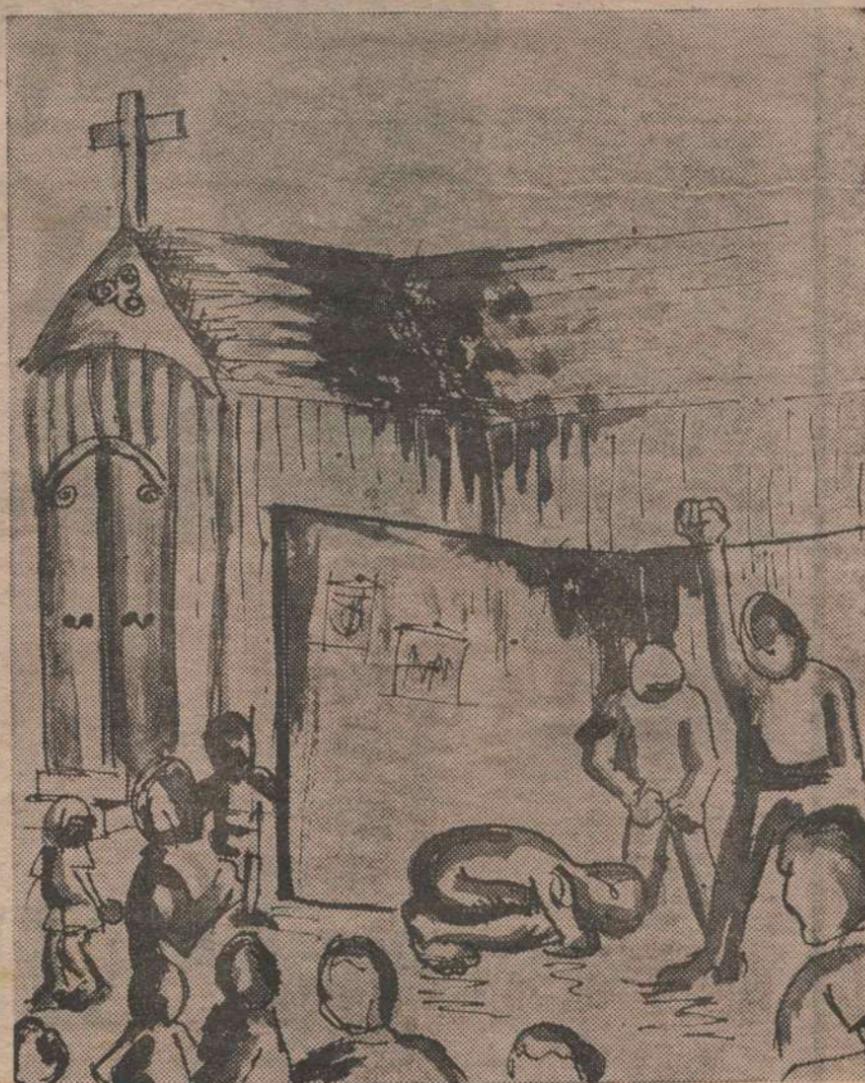
Quando hoje em dia por este Brasil afora surge teatro numa esquina de rua, numa pracinha de bairro, na encosta de um morro, ao lado de uma favela, em frente a uma igreja, num campo de futebol, num terreiro de café, em frente a um engenho, junto a um buteco de beira de estrada, ou em outro lugar qualquer, onde o teatro enfrenta as convenções, é porque o "Teatro ao Encontro do Povo" está agindo.

O teatro despindo-se das suas prerrogativas, abrindo mão dos cenários, do palco, da iluminação se-

rá que perde sua dignidade, seu encanto, sua magia?

Parece que acontece o contrário, o teatro na praça pública reduz-se ao essencial, a presença viva do homem e a arte e magia da palavra são seu cerne. E com este espetáculo reduzido ao essencial, carregado pelo entusiasmo e pela paixão dos seus intérpretes enfrentam seu novo público, um público que nunca assistiu teatro.

Trocar o público de paladar cansado, sofisticado e descrente dos teatros tradicionais, pelo público de coração aberto, ávido de conhecimentos de verdade e de beleza das praças públicas é uma bênção dos céus conforme afirmam os que fazem teatro popular.



Junto à Capela Rural do Sul Paranaense o desenhista assistiu o Teatro Popular

# VENÊCIA

## NESTE MÊS DE NOVEMBRO VENECIA LIQUIDA SEUS CRISTAIS

OBJETOS PARA PRESENTES E DECORAÇÃO  
CERÂMICA, ACRÍLICO, METAL DOURADO, PEDRA SA-  
BÃO, MOBILE CROMADO, ESTANHO

GARRAFA UÍSQUE ..... 16,00  
CINZEIROS COLORIDOS ..... 5,00  
1 DZ. COLHERES DE CAFÉ ..... 6,00

AV. ATAULFO DE PAIVA, 35-B — LEBLON

E MUITO MAIS  
FAÇA AGORA SUAS COMPRAS DE NATAL

# PERSONA

De Ruiz Llabc

A personalidade, a personalidade individual, é um dos mitos da nossa civilização.

No termo personalidade e na sua aplicação há uma contradição constante. Afirma-se que todo homem tem sua personalidade, mas diz-se também que é indispensável ter personalidade.

Hoje é moda falar em "persona", palavra de aceitação internacional, que já foi título de filme de Bergmann. Persona significa na aceitação geral a camada exterior da personalidade, o que faria pressupor a existência de um núcleo interior, uma personalidade intrínseca, o que é uma explicação possível, mas duvidosa. Outros optam pelo termo persona como sinônimo de personalidade, uma opção que significa que não se admite a existência de camadas profundas da personalidade, que tudo é casca, máscara, invólucro.

Seja como for, a persona do indivíduo é um fenômeno social. Uma persona é adquirida, como máscara protetora indispensável ao convívio social. Toda educação tem como objetivo facilitar a aquisição desta camada exterior protetora. Os grandes vultos da história, os heróis do filmes, do esporte, dos meios de comunicação de massa, são oferecidos aos jovens como modelos, para que possam escolher que máscara adotar. Diante do espelho, o pretendente a uma persona definida, procura se identificar, procura imitar, procura assumir seu papel. O catálogo das profissões, das personas profissionais, é mostrado aos adolescentes. Estimula-se os jovens a querer assumir personas que dão status. Médico, advogado, engenheiro, professor, político, comerciante, industrial são personas que constam do catálogo das classes privilegiadas. Operário especializado, jogador de futebol, enfermeira, cantor, capataz, e outras, são as opções de persona recomendáveis às classes trabalhadoras.

Ai, dos adolescentes que rejeitam o catálogo, que não querem assumir nenhum dos papéis propostos, sua atitude é condenada como associal,

eles se tornam as ovelhas negras da nossa sociedade estabelecida.

Evidentemente, a persona transcende à máscara profissional que cada um aceita, mas este papel profissional marca a vida de cada um, pois não só irá exercer a profissão e será condicionado por ela, mas também irá, doravante, representar o seu papel profissional, o médico, e mesmo os aspirante a médico, começará a representar o papel de médico, o sacerdote tomará ares sacerdotais, mesmo se não tiver vontade para tal, o advogado se tornará judicioso e possivelmente o industrial, industrioso, e o comerciante, comercial e diligente. Cada um começará a agir de maneira que corresponda ao seu papel, e de acordo com a capacidade histriônica de cada um; este pasticho de teatro, ficará convincente ou não.

A confecção desta casca exterior, que chamamos de persona, leva muitos anos, e só se completa com a maturidade social. O adolescente procura uma persona, mesmo quando esta se torna completa, continua porosa e moldável. Exatamente a crescente impermeabilidade e rigidez da persona, caracteriza o processo de envelhecimento, que avança em pessoas diferentes de maneira distinta e que em casos especiais apresenta inclusive figuras totalmente infensas ao enrijecimento e até casos de reversão. Ai que encontramos os exemplos da tão almejada juventude espiritual que está ao alcance de gente de todas as camadas, sejam pensadores ou pescadores, mas que, vá lá, não é nada fácil alcançar.

Estamos diante de uma nova faceta da persona. Da permeabilidade e flexibilidade desta, depende a abertura de cada um diante do mundo. E isto depende de cada um, depende de um ato de vontade, todo mundo pode conservar sua receptividade diante do novo, sua curiosidade com relação ao mundo, sua generosidade diante dos homens, diante de si e diante dos outros.

Por isso amigo, não enrijeça sua persona, não se feche como caramujo, conserve-se aberto — afinal... continue jovem.

## Teatro ao encontro do povo em Manaus

"Teatro de Ônibus" é o sistema original de Rui Brito para levar o teatro ao povo em Manaus.

Com este ônibus vão aos bairros mais distantes e encenam suas peças para os moradores. Logicamente o público de cada espetáculo é pequeno, limitado a capacidade do ônibus, mas enquanto tiver mais gente interessada repetem a peça, que é curta. Só depois de esgotado o público neste local, seguem adiante.

As peças têm temática amazônica ("O roubo da porca", "Locubrações pós-enchente") ou mesmo existencial ("A farsa do troco"). Rui Brito, líder deste movimento teatral e idealizador do "Teatro de Ônibus" é autor das peças, escritas especialmente para este tipo de teatro.

O contato com o povo das vilas tem sido promissor e as novas experiências vão sendo aproveitadas no prosseguimento da campanha.

### ACADEMIA

Nina

Verchinina

Ginástica e Dança Moderna

Rua Siqueira Campos, 43

Salas 528 — 532 — 536



CURSO MIGUEL COUTO

Se você é vidrado(a) em prata e tem imaginação fértil

**ARTESSEBRA**

ARTESANATO DE PRATA. Rua Santa Clara, 33, 3.º, s/324

Dê sua sugestão e ela será realizada, pois além de mil novidades sensacionais, aceitamos encomendas

# IPANEMA

## — DO MITO À REALIDADE

Como é difícil corresponder aos mitos? Ipanema, terra de sagas atuais, sente isso. E há o contraste entre o devia-ser, vir-a-ser e a realidade cotidiana.

Ipanema — sempre-para frente, à força tem que ser a nossa Saint Tropez. Arpoador, Praça General Osório e Rua Montenegro disputam lideranças e problemas como topless, topful e quiça un-

derless e underful, estraçalham estruturas.

Será isso a realidade ipanemense?

Parece que atrás do estardalhaço dos novidadeiros, esconde-se bem mais calma, mais comedida, uma Ipanema real, muito menos Saint Tropez e bem mais carioca.

Há ainda uma outra Ipanema reclamando seu lugar ao Sol. A

Ipanema do progresso — para frente e para o alto — é seu grito. Ao embate do seu avanço, vastas e aprazíveis residências vão sendo substituídas por edifícios, o aspecto urbano muda, a densidade aumenta.

Será que este processo é irreversível? A Ipanema de hoje está condenada, e uma nova Copacabana está surgindo? O que pode e o que deve ser preservado?

Está em jogo a realidade de amanhã, está em jogo o desfecho de uma saga.

**Sagaro**  
 BOLSAS FINAS  
 E SAPATOS  
 Visc. de Pirajá, 295-B  
 Fone 287-3729

**FITAS E DISCOS IMPORTADOS**  
 TOP Sound  
 EQUIPAMENTOS DE SOM NACIONAIS E ESTRANGEIROS  
 Rua Visc. de Pirajá, 646-B  
 Tel.: 267-0725

A CAPITAL FEDERAL de Artur Azevedo  
 Teatro Gínástico  
 Tel. 221-4484

ESTÉTICA E CORETIVA GINÁSTICA FEMININA E MASCULINA  
**ACADEMIA DE GINÁSTICA IPANEMA**  
 Teixeira de Mello, 87, 3.º andar.  
 Tel.: 267-3400

**ENGLISH FOR CHILDREN**  
 Inglês audiovisual especializado para crianças a partir de 4 anos.  
 strip-filmes slides puppets shadow, songs magician  
 R. Siqueira Campos, 121 4.º andar — Copacabana  
 Tel.: 256-0920  
 R. Almt. Cochrane, 216 — Tijuca

**ILE**  
**INSTITUTO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS**  
 Inglês audiovisual para adolescentes em 4 estágios com diploma oficializado. R. Siqueira Campos, 121 — 4.º andar — Copacabana  
 Tel.: 256-0920 — R. Almirante Cochrane, 216 — Tijuca

**bellagio**  
 ARTIGOS FINOS PARA HOMENS  
 AVENIDA N. S. COPACABANA, 896-B  
 TEL 255-2109 - RIO

**Dominalli**  
 COPACABANA E RIO  
 ARTIGOS FINOS PARA HOMENS  
 AVENIDA N. S. COPACABANA, 1085-A  
 TEL 255-1521 - RIO

**MAU MAU**  
 IPANEMA  
**MODAS MASCULINAS**  
 Rua Visc. de Pirajá, 200-A  
 Tel.: 247-4276

Academia Vera de Magalhães  
 YOGA  
 VERA DE MAGALHÃES  
 DANÇA MODERNA  
 LINA DE LUCA  
 Visc. Pirajá, 452 - sl 210

**Academia Brasileira de Yoga**



Direção de Léa Mello  
R. Visc. de Pirajá, 318  
s/1.201 — Tel.: 267-3303

**TEM MUITA GENTE ANUNCIANDO CURSOS DE INGLÊS**



Pelo subconsciente, pelo método audio-visual etc., etc.

**NÓS TEMOS TUDO ISSO E AINDA ENSINAMOS V. A FALAR INGLÊS**

**SCURY INSTITUTE OF LANGUAGES**  
R. Visc. Pirajá, 371 (em cima do Bruni-Ipanema)

**stella**  
TECIDOS DECORATIVOS  
**CORTINAS — PASSAMANARIA**  
RUA VISC. DE PIRAJÁ, 592-B  
Tels. 267-1980 - 267-0534 - 267-8831

**LUCENA E FILHOS FOTÓGRAFOS**  
Ipanema:  
Rua Paul Redfern, 61  
Tel. 287-3299

**ISM INSTITUTO SYLO MEIRELLES**  
Maternal — Alfabetização  
Jardim — Com Teatrinho de Fantoches  
Integração da arte na educação —  
Iniciação musical — Teatro  
**EXPRESSION CORPORAL**  
ARTES PLÁSTICAS  
Ensino de Conteúdo formal de alto gabarito  
Respeito à personalidade da criança  
**NOVO GINÁSIO EM IPANEMA**  
RUA ANIBAL DE MENDONÇA, 135

**LUSTRES**  
(em vitraux)  
Importados diretamente  
**MODELOS EXCLUSIVOS**  
Postes — Lustres — Lanternas  
Coloniais  
**Lampião Comércio e Importação de Lustres**  
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ  
N.º — 640 — Telefone 227-6702

**HELSINGÖR**



**SANDUICHES DINAMARQUESES**  
R. Garcia D'Ávila, 77 — Térreo  
Tel. 267-8601

**DECORAÇÕES**  
**Manfredo**  
Visc. Pirajá, 431-A - F. 247-8254  
**CORTINAS ROLÔ**  
A Cortina Que Enrola

# “VILA FLOR”... UMA NAU ANCORADA EM IPANEMA.

Foguetes — exploração espacial — século da máquina — do computador, era da razão — da velocidade — do consumo sem freio — dos meios que são a mensagem, e de outras transas mais.

Este rapaz, com um livro de Hermann Hesse embaixo do braço, que busca o umbigo do mundo e a razão do próprio ser, através da Yoga, da filosofia oriental, da percepção instintiva, direta, este rapaz é a outra face da medalha, o outro lado deste mundo complexo, cujo sentido buscamos. E não se trata apenas de “este rapaz” — há uma avalanche de gente que não comunga com as grandes correntes, com as modas do século.

São tantos, mas tantos mesmo, que se pode dizer: “resistir à moda — virou moda.”

Nesta fluidez dos tempos, os homens vão buscando seus pontos de apoio, seja em correntes de pensamento, em novas transcendências que são uma revolução de hábitos (penso em macrobiótica e coisas assim) seja na busca das próprias raízes (José Celso Martinez na sua peça **Gracias Senhor** chamou isso re-vo-lução isto é voltar a querer).

Sim, a busca das raízes! A revalorização do passado, a redescoberta de sua beleza perene no meio deste mundo mutável, onde as modas se sucedem.

Foi assim que pensei, quando contem-

plei a nau “Vila Flor” ancorada em plena Ipanema, foi assim que pensei ao me aproximar, quando, olhando através da grande vigia, constatei ser uma nave do tempo que nos permite observar fragmentos do passado — Um oratório, em velha, sólida madeira, testemunha de fé e arte, um vetusto relógio, grande, maciço, escuro, que muito já badalou, cerâmicas, porcelanas, santos, baixelas — um ambiente doce, nostálgico, de sonho, com cheiro de alfazema.

Transpomos a porta e Vila Flor abre-se para nós — ambiente acolhedor, de caráter próprio — nada do amontoado, do bric-a-brac típico dos antiquários.

Vila Flor, que com sua vigia redonda, me sugeria uma nau, vejam, uma nau na Garcia D'Ávila, revela-se por dentro um remanso, onde as “Casas Grandes” e os palácios marcaram encontro.

Vila Flor alimenta nossos sonhos. Lá você pode encontrar aquela cômoda antiga, para a qual você há tanto tempo reserva lugar e se você não consegue encontrar aquela mesa ou aquela arca que você viu no museu, Vila Flor reconstrói a peça desejada para você. Sim reconstrói e não copia apenas, pois o refazer não é epidérmico mas total. O próprio processo de construção das peças confe-re com o original, começa com a matéria

prima, a madeira, que é antiga, destes bons velhos tempos em que os troncos de jacarandá eram bem grossos e permitiam a confecção de enormes peças inteiriças. E depois, desta madeira antiga surge a peça reconstruída, através dos mesmos métodos em voga na época.

Desta maneira são reconstruídas peças de qualquer época, de qualquer estilo. É o voltar-a-fazer a serviço do voltar-a-querer.



De pequenos detalhes, como este azulejo antigo, parte a reconstrução do passado “Vila Flor” Garcia D'Ávila, 124

Expediente:  
Publicação cultural da campanha  
“Teatro ao Encontro do Povo”  
dirigida por Otto e Florence Buchsbaum.  
Caixa Postal 12.193 ZC-07  
20.000 Rio de Janeiro, GB.

\*\*\*

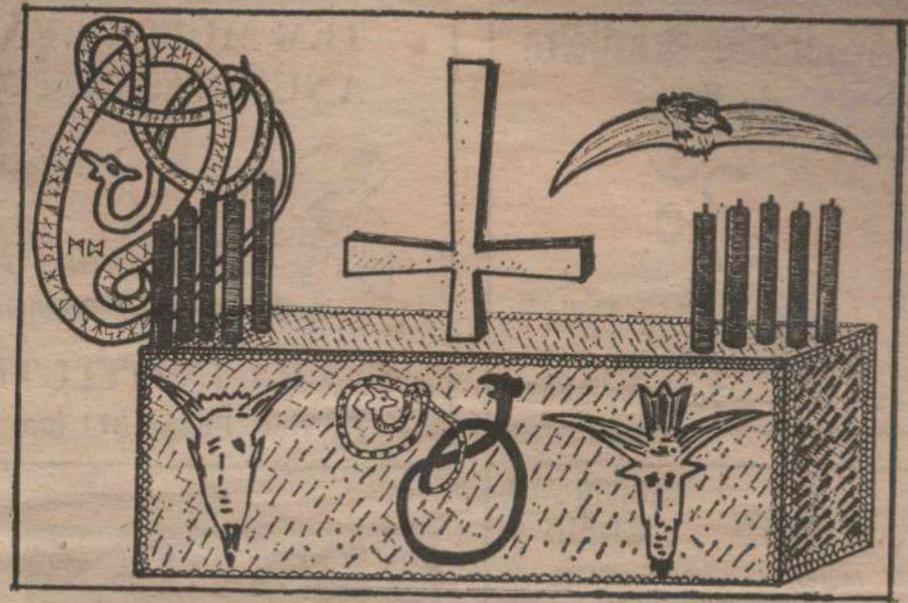
Diagramação:  
Contag  
Rua da Conceição, 105 - Sala 607  
Composto e impresso  
nas oficinas do “Correio da Manhã”

**PARA ANUNCIAR**  
EM  
**TEATRO AO ENCONTRO DO POVO**  
TELEFONE  
**242-0904**

# MISSA NEGRA

De Elcio Mendes Lage

— De Los Angeles —



Era uma noite nevoenta, úmida, fria. Eu caminhava ao lado dos meus companheiros, a gola do casaco levantada, as mãos enluvadas nos bolsos. Estávamos num subúrbio de São Francisco, lado sul — eu não sabia bem aonde. A claridade que parecia vir de longe, será que vinha do outro lado da baía, de Oakland ou de San Leandro? Nós tínhamos deixado o carro bem para trás, para continuar a pé pelas ruas silentes. Já passava das 11 horas e estávamos bem longe do burburinho das ruas centrais, da Chinatown, da Avenida Columbus.

Não fiz perguntas, prometeram-me uma experiência singular para esta noite de 2 de fevereiro. Eu estava bem ciente que esta "experiência singular" tinha relação com a data. Dois de fevereiro é dia da Candlemas, da Candelária, dia de sabbath dos bruxos. Algo assim preso à ancestralidade anglo-saxã e celta eu estava esperando.

Examinei novamente meus companheiros, John e Thais, um casal de jovens, descendentes de escoceses, louros, normalmente alegres e zombeteiros, agora sérios e compenetrados, e o terceiro, Hernandez, um chicano, de cabeça redonda e olhos repuxados qual chinês.

Já estávamos chegando ao destino, afinal nem estava tão longe, apenas me irritel com esta história de deixar o carro longe e vir caminhando... Este ar de mistério fazia parte da encenação toda?

O prédio ao qual nós nos encaminhávamos parecia um armazém ou uma fábrica. Dois outros grupos estavam chegando também, todos a pé, ninguém de automóvel. Eles entraram antes de nós, quando nos chegamos paramos na penumbra do portal. Dois homens (seriam guardiões ou sentinelas?) nos encararam, eu esperava por uma senha, uma explicação... mas nada disso, apenas um gesto que podíamos passar... Thais tomou a dianteira e nós caminhamos por um corredor, passamos uma porta e depois desceramos uma larga escada de tijolos. Uma nova porta, uma porta pesada que guinchava nos gonzos foi aberta por Thais e o rumorejar de muita gente se fazia ouvir. Mais um trecho de corredor e penetramos numa enorme sala parcamente iluminada, onde já tinha mais de 150 pessoas entre homens, mulheres e crianças.

Pela primeira vez desde que desceramos do carro alguém abriu a boca. "Va-

mos para o outro lado, lá ainda tem cadeiras", disse Hernandez. Era difícil absorver simultaneamente todas as impressões deste ambiente estranho. Num lado da sala havia uma parede decorada, totalmente coberta de pano preto brilhante, sobre o qual se destacavam alguns desenhos cabalísticos em branco, além de algo que poderia ser uma águia em vôo, que se destacava em vermelho.

Num estrado em frente a esta parede havia o que deveria corresponder a um altar. Uma mesa comprida coberta de vermelho e preto, uma cruz preta emoldurada de branco, colocada ao contrário, nas laterais duas máscaras diabólicas, as grossas velas pretas estavam sendo acesas.

Parece que chegamos no último instante, pois mal terminaram de acender as velas negras, 28 ao todo (será que era uma para cada dia do mês lunar?), e já entrava o oficiante, paramentado de negro com algumas cintilâncias roxas como enfeite. O som de gongos anunciava sua entrada, toda assistência ficava de pé. Gestos rituais do oficiante eram sublinhados por uma estranha música que vinha do fundo, os gestos se transformaram em dança que a assistência que neste interim tinha se sentado acompanhava com um bater de pés.

Aos lados do altar tinha alguns vasos, dos quais começaram a subir rolos de fumaça e de vez em quando se via algumas chamas. A fumaça de cheiro doce se espalhava pela sala, enquanto os gestos e a dança do padre negro ficavam cada vez mais frenéticos.

Eu estava assistindo uma missa negra, uma missa satânica, uma missa que utilizava as formas e a liturgia católica virada ao avesso para adorar o diabo. O que eu estranhava mais no caso era o público bem comportado, burguês, que sentado, batia com o pé o compasso enquanto umas 15 ou 20 crianças a partir dos 8 anos ficavam sentadas nas suas cadeiras quietas, atentas, sem perturbar.

Nos últimos minutos chegaram cada vez mais assistentes que em gran-

des grupos entravam na sala e procuravam com o menor ruído possível se acomodar. Já não havia mais lugares para sentar, os recém-chegados ficavam de pé ou sentavam no chão.

Um frenesi de gongos anunciou a entrada de um novo personagem. Este, extremamente alto, devia ter um metro e noventa ou mais, muito magro, paramentado igualmente de preto, mas com muito mais enfeites cintilantes, devia ser o personagem principal, o verdadeiro oficiante, enquanto o padre negro que até agora estava no centro da atenção não passava de um diácono diabólico. A batida dos gongos parou, enquanto a música que vinha do fundo tomava um tom triunfante. O novo celebrante impressionava não só pela sua altura e magreza, mas pelos trajes que eram um misto de padre de paramento negro e de um diabo bem estilizado. Estas protuberâncias no gorro preto e vermelho deveriam simbolizar os cornos do diabo? Lentamente, muito lentamente ele se aproximava do centro do estrado até parar bem abaixo da cruz preta, voltada para baixo. Virado para a assistência desenhava nos ares desenhos estranhos.

"Invoco-te, creatura ignis" (Invoco-te criatura do fogo) soava sua voz clara, cristalina, dom'nadora.

Dos vasos ao lado do altar negro saíam labaredas, a música tinha cessado e ouvia-se o crepitar do fogo.

"Invoco-te, serpens antique" (Invoco-te serpente antiga). Novamente o coro respondia. O chiar do fogo (será que jogaram água?) lembrava o sibilar de uma serpente.

"Invoco-te, creatura fumi" (Invoco-te criatura da fumaça) enquanto o coro respondia, intensos rolos de fumaças aromática saíam dos vasos para impregnar o ambiente.

Outras invocações se seguiram, sempre o coro respondia. De repente irrompia dos fundos a música metálica e dissonante. O gesto cabalístico do negro celebrante transformaram-se em dança. Subitamente, num pulo, ele se vira e volta agora pela primeira vez suas costas ao público, enquanto seus

gestos rituais agora lentos, ele lembrava uma aranha, são voltados para o altar.

Agora lembro que nos sabbathos de bruxos, de tradição milenar, sempre satanás comparece em pessoa. Agora sabia que estava diante da sua encarnação ritual. O oficiante tinha um longo rabo preto e abaixo do rabo uma máscara satânica, seu segundo rosto, seu rosto traseiro como é chamado, nas tradições célticas e anglo-saxãs. O deus-das-duas-faces, figura de cultos ancestrais, estava diante de mim. Um deus das velhas religiões europeias, ligado à caça e à fertilidade e que na Idade Média através da resistência das velhas tradições contra o cristianismo, fez por antítese união com o diabo e tornou-se figura central dos sabbathos da bruxaria ritual. E agora aqui na moderna San Francisco estava eu junto com umas trezentas pessoas totalmente comuns, bem burguesas, assistindo uma cerimônia destas.

Minha mente estava divagando, procurando paralelos no passado, sem seguir os detalhes do ritual, quando eu observava os fiéis de Satã formando filas, aproximando-se do altar. Lá cada um fazia uma profunda inclinação e depois beijava o rosto traseiro do deus-das-duas-faces. Um por um passava, beijava o rosto traseiro e depois voltava compenetrado para seu lugar. Era uma cena equivalente a comunhão das missas católicas, só que virada ao avesso como tudo nesta estranha missa negra, com a máscara diabólica debaixo do rabo preto, fazendo contraste com a atitude compenetrada dos fiéis.

Depois da quase totalidade dos presentes terem participado desta cerimônia desfilando ante o rosto traseiro, a cerimônia aproximava-se do seu fim, com mais algumas invocações e diálogos entre o oficiante e o conjunto dos fiéis, com mais chamas e mais fumaças, quando saímos para o ar frígido e úmido de São Francisco, para mim era como se tivesse viajado numa máquina de tempo e voltado agora para o século 20 — Quem agora não queria conversar era eu — tinha muito em que pensar.

## "ABELARDO E HELOÍSA"

Montagem de Flávio Rangel  
Uma história de amor da Idade Média.

O historiador Will Durant dedicou 23 páginas a eles na sua história universal.

TEATRO COPACABANA  
Av. Copacabana, 291

## "A CAPITAL FEDERAL"

de Artur Azevedo  
(comédia musical)  
40 atores

O humor carioca que não morreu  
TEATRO GINÁSTICO  
Av. Graça Aranha, 187

## "A CHINA É AZUL"

de José Wilker

Deixe a roupa, a voz calada, a lembrança, a namorada, deixe tudo, tome a estrada, o caminho, a caminhada...

TEATRO IPANEMA  
Rua Prudente de Moraes, 842

## "BORDEL DA SALVAÇÃO"

(THE HOSTAGE)

de Brendan Behan  
Drama em ambiente irlandês.

Bernadette Devlin recomenda —  
TEATRO OPINIÃO  
R. Siqueira Campos, 143

## "DOROTÉIA VAI À GUERRA"

"Uma comédia trágico-obscura de 1ª qualidade... a medida certa entre o cômico e o desespero..." VEJA —  
Marinho de Azevedo.

TEATRO CACHIMBO DA PAZ  
Vise. Pirajá, 351

# TEATRO À SOMBRA DAS PIRÂMIDES

De Otto Buchsbaum

## TEATRO

O primeiro registro histórico referente ao teatro, encontra-se gravado nas pedras das pirâmides. Nos chamados textos das pirâmides identificou-se 55 dramas diferentes que datam do quarto milênio A.C.

Estas manifestações teatrais, que tem como figura central o deus Phta, costumam-se chamar drama de Memfis. Os atores destas representações eram sacerdotes que usavam máscaras de animais. Phta e seu arauto e imagem viva Apis (um touro preto com manchas brancas triangulares na testa, no pescoço e no flanco) são sobrevivências totêmicas, mas ao mesmo tempo as figuras de um drama já bem desenvolvido e diversificado que registra a divinização e ressurreição de reis e nobres.

O caráter teatral do drama de Memfis tem sido posto em dúvida por certos autores. Alegam estes que só é teatro a representação que conta com uma assistência, e que os textos das pirâmides descrevem cerimônias em que todos presentes participavam dos atos rituais.

Nada que a história transmite prova esta participação total. Mas ao meu ver a definição do teatro que exige a presença de um público assistente está mal colocada. Sabemos que na origem arte e vida, vida e arte, se identificavam. A separação, a esquizofrenia, a dualidade vida-arte é algo posterior que nasce da divisão do trabalho, da separação de atribuições e da divisão da sociedade em classes.

É possível, mas não certo, que no drama de Memfis, a totalidade dos presentes participava ativamente da representação — se assim foi, então os velhos egípcios, nestes primórdios do teatro histórico, realizavam isto que hoje tantos procuram — o espetáculo em que palco e platéia se envolvem, se identificam — talvez atingido este ideal será necessário falar em cerimônias teatrais — a palavra agradará a muitos que buscam a re-ritualização dos espetáculos.

Para festejar certos aniversários de coroação de faraós, realizavam-se em datas marcantes (para festejar longos períodos de governo) representações dramáticas chamadas Heb Sed (representação do Jubileu da Coroação). Nestes espetáculos que remontam ao ano 3.000 A.C. os atores sacerdotais representam os diversos deuses do Olimpo egípcio, que comparecem homenageando o faraó, também deus, no seu dia de festa. A finalidade do Heb Sed, não é apenas comemorar uma data notável, mas também

renovar de maneira mágica a energia divina do faraó.

O Festival de Opet era também pretexto para várias representações. O deus Amon deixava seu templo em Karnak para (usando a barcaça real) ir ao encontro da sua mulher a deusa Mut em Luxor. Estas festas em torno dos séculos 18 e 20 A.C. agitavam Tebas, que ficava engalanada de flores e ervas, enquanto acrobatas, músicos e dançarinos se exibiam em honra a Amon. Os sacerdotes apresentavam pequenos espetáculos mitológicos, para aprofundar a religiosidade da assistência, enquanto a barcaça real, acompanhada de centenas de barcos, formava uma procissão fluvial assistida pela multidão reunida na margem.

A figura mais importante do drama do velho Egito é o deus Osiris. Originalmente Osiris era um dos tótems das tribos do delta do Nilo. Muito cedo, provavelmente em torno de 10.000 A.C. Osiris já era um Totem ligado a ritos de fertilidade, cultuado através de sacrifícios mágicos destinados à reprodução das espécies animais. Nestas cerimônias já temos um pré-drama. A passagem para a agricultura que se realiza no Egito do 5.º milênio A.C. transforma Osiris de tótem animal, em deus da vegetação. A evolução posterior que leva à unificação egípcia, transforma o deus, na força que regula as estações e a vegetação, tornando-se intimamente associado ao Nilo.

Mesmo como deus da vegetação Osiris conserva vestígios dos cultos de fertilidade do período pré-histórico, como por exemplo os símbolos fálicos que constantemente continuam associados a sua figura.

No 2.º milênio A.C. surgiu em torno de Osiris, o chamado drama de Abydos (Abdu em egípcio). Este drama conta a vida, paixão, morte e ressurreição de Osiris. O deus das plantas e do Nilo acompanha os ciclos da vegetação e das estações. Como o sol, como a semente, morre e renasce, através da sua morte e ressurreição, garante aos homens uma vida eterna, uma vida que vence a morte.

No drama de Abydos o deus identifica-se também com o faraó. Ele domina a natureza como o faraó domina o país. Ele casa com sua irmã Isis, seguindo as mesmas regras matrimoniais dos soberanos.

O caráter sombrio das divindades agrárias, prevalece também em Osiris. Ele é como o sol que cada noite mergulha nas trevas, como a semente que repousa na terra, ele é Senhor do Mundo das Trevas. Os Faraós mortos e mumificados se identificam com ele, e o mais pobre dos

servos espera encontrar Osiris como guia na morada dos mortos e renascer com ele para uma vida mais plena e mais feliz.

Osiris é o deus mais popular do velho Egito. O único deus que dispensa para a expansão do seu culto a proteção e divulgação da hierarquia sacerdotal e do poder estabelecido. Os soberanos não favorecem em nada seu culto, mas por causa da sua enorme popularidade como deus dos pobres e oprimidos, havia em cada vez maior escala a tendência dos faraós identificar-se com ele.

O drama de Abydos é espetáculo para multidões. Abydos tornou-se centro de peregrinação por ocasião das encenações anuais.

É interessante verificar através de toda evolução histórica do teatro, que teatro-povo forma um binômio inesperável. Não são os deuses do establishment como Amon, Hator, Tot ou Phta que se tornaram o centro do drama egípcio, mas Osiris, deus do povo, inicialmente combatido e desprezado pelos sacerdotes. Iremos ver em artigos posteriores como a história se repete com Dionísos e outros.

As lendas em torno de Osiris que são o conteúdo do drama de Abydos sofreram variações através dos tempos, pois a paixão de Osiris foi apresentada durante mais de 1.500 anos. A essência porém permanece. O núcleo central da história é o seguinte:

Osiris um deus-rei é invejado por seu irmão Seth. O pano de fundo histórico é o conflito entre o Delta representado por Osiris e o vale simbolizado por Seth.

Seth mata Osiris e corta seu corpo em 14 pedaços. Isis, esposa e irmã, junta os pedaços espalhados por todo país, a cabeça, ela acha em Abydos. Osiris ressuscita e Isis deitada sobre o cadáver revivido, concebe Horus (simbolizado pelo falcão). Horus mata Seth vingando a morte do pai. Osiris ressurrecto governa o mundo das trevas.

Nesta fábula realiza-se a unificação mágica do Egito. Osiris é divindade originária de Busiris (em egípcio Djedu) no Delta. O esquarteramento resulta na distribuição dos pedaços do seu corpo pelo país todo. Delta e Vale, depois a cabeça é encontrada em Abydos no Vale o que centraliza o culto de Osiris neste local. Realizou-se a unidade política.

Com o transcorrer do tempo este drama da paixão de Osiris sofre modificações. Plutarco descreve os mistérios de Osiris que não se limitam a descrever a lenda, mas que ao mesmo tempo oferecem uma iniciação nos segredos do além. Isis, tendo nos braços o menino Horus, torna-se a imagem mais popular da religião egípcia. Numa evolução posterior

surgem os mistérios de Isis, que se expandem por todo mediterrâneo e invadem Roma.

Do drama de Abydos não possuímos nenhum texto, mas o relato de Ikhernefert (Sec. 19 a C.) é bem explícito.

A mando de Sesostris III da XII dinastia, Ikhernefert encenou durante muitos anos o drama da paixão, representando o papel principal e cuidando dos detalhes da produção. Sua descrição é minuciosa e vai do espetáculo até aos problemas laterais da produção. Outro testemunho é de Heródoto que em 449 a C. assistiu uma encenação em Sais no Delta.

No drama de Abydos temos atores contracenando com o côro, intervalos com danças corais e declamações líricas, enfim temos com uma antecedência de mais de mil anos, elementos dramáticos que parecem ter surgido na Grécia de maneira autônoma a partir dos ditirambos. Heródoto notou as semelhanças, não só na parte formal, como também na essência, pois o paralelo Osiris — Dionísos parece evidente. A conclusão de Heródoto foi aceitar a origem egípcia de Dionísos e do seu culto. Hoje parece provado que Dionísos tem origem trácia-frígia. Mas com as surpreendentes interligações do velho mundo mediterrâneo não seria surpresa se ficasse provado que o Dionísos trácio tem origem no Egito.

O presente artigo tem como base a obra em elaboração "História do Teatro Mundial" de Otto Buchsbaum. Nos números seguintes teremos "Teatro na Suméria, Creta e China" e "Pré-história do teatro grego".



**CURSO VETOR**

Sul: Av. N. S.º Copacabana, 928/4º  
Centro: Av. Pres. Vargas, 446/12º  
Tijuca: Rua General Roca, 818, sl.  
Méier: Rua Dias da Cruz, 453  
Casadoura: Rua Cerqueira Daltro, 244  
Campo Grande: Rua Dr. A. Vasconcelos, 408

**fenicia**

CALÇADOS E BOLSAS

**CHARLES JOURDAN**

Calçados finos

Exclusividade de

Bolsas Louis Fêraud

Rua Barata Ribeiro, 463

Telefone 255-3518

GB.



**CURTI-SOM**

AV. ATAULFO DE PAIVA, 143-A

TEL. 287-3136

DISCOS FITAS

EQUIPAMENTOS DE SOM

CAMINHEMOS TODOS JUNTOS

OS BRAÇOS ENTRELAÇADOS

CURTINDO O SOM — QUE É SOM. O SOM DO LEBLON

## Aleerim

Candinha, Gisah, Ruthinba e as Reginas —  
TEIXEIRA E COSTARD — estão esperando por  
você no **ALECRIM** — com enxovais, roupa de  
cama e mesa, lingerie e novidades para o  
NATAL.

VISC. PIRAJÁ, 86-B  
TEL. 287-2686

## PERUCAS FUNNY

AGORA COM NOVOS  
LANÇAMENTOS EM  
KANEKALON DE TODOS OS  
TIPOS E CORES.

VALE A PENA DAR UM  
PULINHO ATE UMA DE SUAS  
LOJAS

COPACABANA: Rua Barata Ribeiro, 396 — Siqueira Cam-  
pos, 43 s/ 431.  
MEIER: Rua Dias da Cruz, 111 — Loja, 20-A.  
CAXIAS: Av. Nilo Peçanha, 127.

## PONTO DE BALA



Grande  
sortimento  
de produtos  
dietéticos e  
para  
diabéticos.

R. Visc. Pirajá,  
317-A  
Ipanema

Tel. 267-5445

# OS DIABOS TAMBÉM ERAM ASTRONAUTAS

A nave espacial oscilava no solo arenoso, soltando fumacinhas. Aterrissagem bem sucedida no estranho planeta verde. Fazia-se os testes do meio ambiente. O resultado foi promissor: Oxigênio suficiente, ar um pouco frio — 68° Fahrenheit (20°C); no planeta de origem dos rubros astronautas a temperatura era bem mais agradável. Mas, em suma, o desembarque era possível sem máscaras protetoras e Satanás, o comandante da nave, ordenou o desembarque.

Lúcifer comandou a expedição, que atravessou as comportas, para explorar o planeta verde.

Não demorou, para a expedição fazer um primeiro contato com seres vivos racionais que habitavam o planeta. Estes seres tinham grandes semelhanças com os astronautas. Apenas eram desprovidos de chifres e anuros (sem rabo). De resto os

astronautas, que chamavam a si mesmos de diabólos, consideravam os habitantes do planeta perfeitamente aceitáveis.

Os naturais do planeta verde, por sua vez, que se chamavam a si mesmos de homens, tinham bem maiores dificuldades de aceitar os diabólos como gente. No começo, os ataques dos homens contra os astronautas eram constantes. Os diabólos limitavam-se a usar sua enorme superioridade científica para se defender, sem ferir qualquer dos homens atacantes. Sua índole pacífica não lhes permitia nenhuma violência. Lentamente foram convencendo os homens a não mais atacá-los. Os contatos foram aumentando, os diabólos chegaram a aprender a língua dos homens à perfeição.

Assim tomaram contato com muitos eventos ocorridos na terra, com suas lutas e suas misé-

rias. Os homens contavam aos diabólos que neste momento, já há mais de 5 anos estavam sitiando uma cidade chamada Tróia e convidaram os diabólos a participar desta guerra ao lado deles e usar sua tecnologia para destruir a cidade inimiga.

Enojados os diabólos recusaram — na tal de terra só se falava de guerra e destruição — para não continuar em contato com um ambiente tão malévolo, resolveram voltar para sua pátria e deixar os homens resolver seus galhos sozinhos.

Os homens ficaram decepcionados com a recusa dos diabólos e com sua súbita partida. Chamaram os diabólos de covardes e de maus, e as palavras diabo e diabólico adquiriram o sentido que até hoje mantêm.

Não há jeito, se os diabólos voltassem hoje novamente, partiriam mais rápidos ainda, sim, os homens vão ter que quebrar seus próprios galhos.

## Um novo ginásio em Ipanema

Um novo ginásio com uma filosofia educacional própria, é o que o Instituto Sylo Meirelles oferece à região de Ipanema—Leblon. As experiências colhidas nos outros cursos como Jardim e Primário estão sendo aplicadas plenamente.

A tônica do Instituto Sylo Meirelles repousa no desenvolvimento da criatividade e personalidade numa evolução gradativa da brincadeira ao esforço escolar. Assim as crianças participam das mais diversas atividades como pintura, desenho, modelagem, carpintaria, dramatizações, bandinha, jogos e passeios. Transmite-se assim conhecimentos e vivência e não apenas informações.

No ginásio prevalece a mesma mentalidade, com o primeiro ano ginasial já funcionando (no próximo ano funciona-

rá o primeiro e segundo) conseguiu-se ampliar o processo iniciado no primário, buscando não só um ensino aprimorado, mas através da integração e inter-relação das diversas matérias procura-se chegar a uma homogeneidade educacional, tão importante para a formação. Não há pois neste novo ginásio as matérias estanques e desligadas da vida, tão características de uma fase de ensino que deve ser relegada ao passado. Temos aí um ensino descontraído, vivo, palpitante... passeios, excursões, visitas a museus, pesquisas de campo com coleta de material se sucedem, e formam a base de métodos que tornam a aprendizagem uma aventura fascinante.

Professores de alto nível e assistência psico-pedagógica constante são outra característica desta escola onde aprender é um prazer.



Ilustrações para convites da Feira do Livro promovida recentemente pelo Instituto Sylo Meirelles. (Rua Aníbal de Mendonça, 135 — Ipanema)

## MARILU INDICA:

• Atualmente existem três Chinas:

A China vermelha de Mao-Tsé-tung, a China branca de Chiang-Kai-Chek e a China azul de José Wilker. As primeiras duas Chinas ficam lá pelas antipadas (tô gastando) e a última China "a China é azul" tá no Teatro Ipanema... olhe gente, vamos lá. Quem assistiu Hoje é dia de rock vai mesmo, vai curtir a China também, mas quem perdeu o Rock não deve perder a China.

• MAMY Y BABY — Dona Neide — Simpatia... sonda-me leva a associação de idéias? Ah sim, as batas lá, tão na moda, são sensacionais, com rendas e aplicações... e agora com crediário próprio em quatro pagamentos.

• Com Paulo Philipp (o popular Paulinho, formado pela Universidade do Brasil e ex-campeão brasileiro de ginástica olímpica) pon-do seu talento e métodos renovadores a serviço de uma nova mentalidade, não é de surpreender que a Academia de Ginástica Ipanema esteja atraindo uma porção de alunos importantes como Albino Pinheiro, Lelau, Xavier de Brito, Ricardo Amaral, Ralph Martin, Euro Leal and so on...

• Gente, verifiquei, "Nossa Boutique" é nos-sa mesma, me senti em casa (tomei café com

uns bolinhos gostosos) enquanto escolhi entre muita coisa bacana. Fica na General Roca, 826, grupo 702, na Tijuca.

• Se seu vaso furta-cor fere sua vista, lembre-se Berliner renova qualquer cor de metal. Mande berlinar (que verbo bacana deu) o vaso e verá o resultado. Barata, 593-B, Visconde de Pirajá, 106, s/solo. Voluntários da Pátria, 244-A).

• Se você quer um treco qualquer de prata, único e original, vá a Batheseba (Santa Clara, 33 — 3.º S/324). Lá eles fazem qualquer coisa, puxe pela cuca, dê sua sugestão — o pessoal lá é bacana.

• Oba, oba, quem te viu — quem te vê — Malhas Unisex — modelos exclusivos — um lançamento da Devon, Copá, 1.074.

• Make love, not war e assistam Abelardo e Heloísa — um pedaço de história medieval — uma eterna história de amor no Teatro Copá-

• Se quiser curtir seu sanduiche dinamarguês em paz, vá ao Helsingor (Garcia D'Ávila, 77) no meio da semana, de terça à sexta-feira. Nas segundas-feiras fecha e nos fins de semana "tout Ipanema" se encontra lá e chega faltar lugar.

# Cristal, sacrifício e aço...

## Uma rosa, é uma rosa, é uma rosa.



"Este móvel parece pronto para voar" é observação costumeira quando alguém de repente toma conta com a mobília de vanguarda.

É natural, é totalmente lógico e assim seja, pois a mobília avançada reflete a nossa atualidade com a mesma coerência que a pintura, escultura, literatura e teatro de vanguarda.

Pois afinal na concepção atual, a mobília é nada mais, nada menos do que escultura de uso, escultura que serve para sentar, deitar, que serve como mesa de refeições, ou que quando estante, acolhe nossos livros ou ainda serve como pedestal de outras esculturas (esculturas-de-ver em contraste com esculturas-de-uso).

Na moderna concepção de bem-

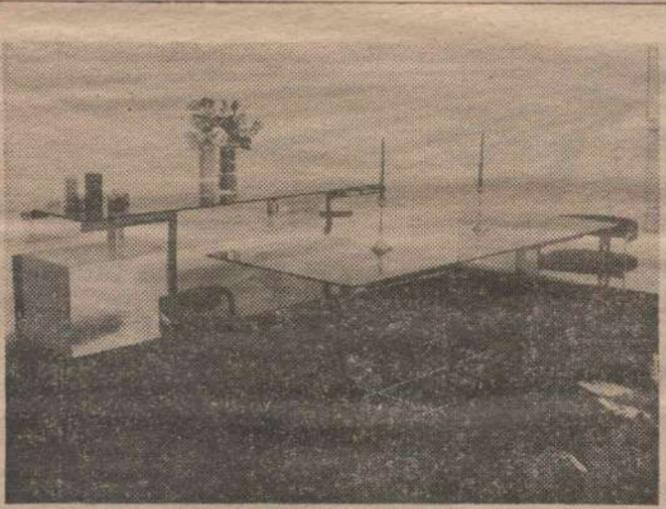
ajudam a determinar as novas formas. Acrílico, cristal, aço e outros metais formam as novas estruturas, determinam a nova visão.

Já faz cerca de cinquenta anos que a famosa poetisa Gertrude Stein disse: "Uma rosa, é uma rosa, é uma rosa." Da mesma maneira, no passado — uma mesa, era uma mesa — só isso, e nada mais. A tradicional tampa de madeira variava de formato e de cor, mas afinal era uma mesa, com suas finalidades definidas e nada mais.

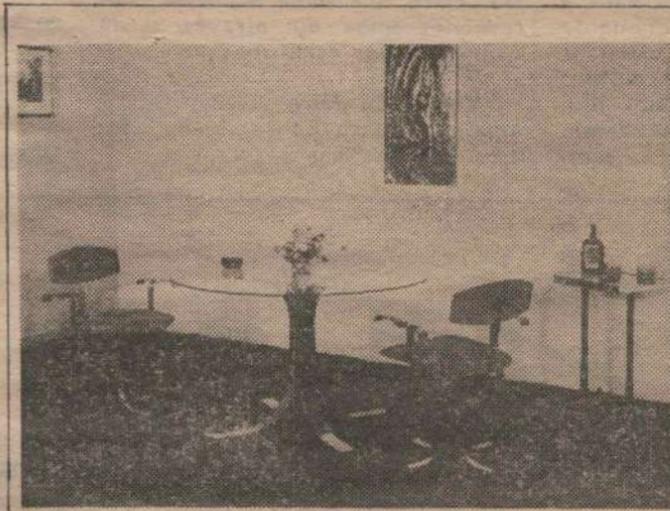
Nas novas mesas concebidas em cristal, acrílico e aço, não só a forma resulta de novas pesquisas de funcionalidade, num ajustar preciso da relação mesa-cadeira, mas os novos materiais, a translucidez do cristal, a

famento das cadeiras seu toque de cor, mostra no lusco-fusco do entardecer, sua beleza cambiante de escultura pura. Beleza cambiante? Cambiante sim, pois conforme muda a posição do observador, a mesa, uma grande chapa de cristal com base de aço, vai adquirindo novos aspectos

"O presente em todas as dimensões, tem que ser o tema de uma loja como Mobília Atual", comenta o arquiteto da casa. Assento e espaldar das cadeiras são de acrílico, em forma ultra-confortável. "Na concepção da cadeira pensou-se na posição correta da espinha", informa o arquiteto.



Mesa em cristal e aço na Mobília Atual. Av. Ataulfo de Paiva, 80-D Rua Haddock Lobo, 303-B



Tampa de mesa e cadeiras em acrílico

clarar, a obra de arte não é objeto alado à margem da vida, mas, o conjunto de peças de arte que nos define, forma o nosso cotidiano, para realizar-se com a individualidade de cada um.

Os novos materiais que se usa na concepção da mobília do presente

transparência brumosa do acrílico e a versatilidade, firmeza e brilho do aço cromado, oferecem-nos uma nova estética.

Na Mobília Atual no Leblon a mobília de vanguarda tem especial destaque. Uma sala de jantar, toda em cristal e aço, que tem só no esto-

e novos brilhos, desvendando, desmistificando sua infra-estrutura. Numa mesa como esta quando se coloca uma toalha, é como se uma cortina se fechasse depois do espetáculo, para mais tarde abrir-se para nova função.

Num outro conjunto de mesa e cadeiras predomina o acrílico; a última luz da tarde, que entra pelas janelas amplas da Mobília Atual, forma, dentro da transparência colorida do acrílico, um jogo luminoso, ao contrastar dos lustres acesos. A tampa da mesa é de acrílico, sustentado por um redondo de madeira escura, como se passado e futuro se encontrassem neste compromisso que é o presente.

Numa escultura-de-uso, os limites da criatividade são estabelecidos pela utilidade e funcionalidade, mas dentro destes limites quanto não é possível fazer? Nossa visita à Mobília Atual demonstrou-nos isto plenamente — uma cama pode ser uma escultura, um objeto de arte? Pode sim, nós nos convencemos disso.

Esta poltrona azul, peça inteiramente vazada, só é identificável como poltrona por ser de pano sintético, se fosse de mármore requeria um pedestal de granito.

Dizem os pesquisadores, que em priscas eras, vida e arte eram uma coisa só, será que em plano diferente chegaremos novamente a isso, através de uma arte de consumo, de uma arte de bem-viver e bem-morar?

  
**nossa boutique**  
Rua General Roca, 826 - Gr. 702 - Tel. 234-0034 (D. Léa)

   
Av. N. S. de Copacabana, 664 — Av. N. S. de Copacabana, 664 —  
Loja 14 — Tel. 255-3281 Loja 33 — Tel. 257-2177  
**GALERIA MENESCAL**

 **CASA VENEZA**  
A Casa Venezia mantendo sua tradição de cercar a MULHER — NOIVA — ESPOSA e MÃE de coisas belas, anuncia suas novas instalações e novas filiais.  
Centro: GONÇALVES DIAS, 4 — 252-5539  
Copacabana: AV. COPACABANA, 620 — 236-6260  
Ipanema: VISC. PIRAJÁ, 517 — 267-4233  
CAMA E MESA — ENXOVAIS — PRESENTES

 **"A Camélia Flores Naturais Ltda."**  
Matriz: MERCADO DAS FLORES (CENTRO) Tels.: 252-7551 — 252-7755 — 252-6300 — 252-6900 — Expedição 252-7571  
Filiais: R. CARVALHO DE MENDONÇA, 35-B Telefones: 256-2358 — 255-2628 AVENIDA COPACABANA, 1313-B Telefone: 227-5505  
RIO DE JANEIRO — GUANABARA

# Seção de Cartas

Vera Garcia (GB) "Achei a entrevista com Jesus Cristo super-bacana, sensacional. Fiquei muito intrigada, penso que o assunto ficou em aberto e exige uma continuação."

Vera, parece que muita gente ficou intrigada (nós também) e a repercussão foi muito grande. Recebemos além da sua, mais 81 cartas referentes à entrevista com Jesus. Quase todos querendo detalhes e pedindo continuação. Procuraremos atender.

Roberval C. Paes (GB) "Afinal um jornal de cultura, sem linguagem pretenciosa e sem elitismo. Parabéns."

Roberval, o que estamos fazendo no campo teatral, indo para a rua e fazendo teatro diretamente para o povo, queremos estender para toda área cultural. A cultura de gabinete deixamos de lado, junto com a sabedoria de almanaque da qual transbordam certas esco-

las superiores — vamos para a renovação cultural.

Otacílio C. Sobrinho (GB) ... o feito, magnífico, histórico...

Otacílio, sua carta é poética, mas você está exagerando, nós temos consciência, que a coisa não é tão momentosa. Quanto às suas peças gostaria de lê-las.

Francisco Deli de Oliveira (Curitiba — PR) ... apreciei imensamente... importantíssimo jornal...

Francisco, continue escrevendo para gente, olha, a luta é dura, e umas palavras de estímulo sempre são bem-vindas. Quanto a eventuais dúvidas suas com relação ao teatro, claro que pode escrever, nós responderemos ou através desta coluna ou por carta mesmo.

Kuitty Cordeiro (GB) Gostei muito, é maravilhoso bicho, faz uma comunicação legal...

Kuitty, sua carta é bacana, grato pelos conceitos. Dentro da pequena disponibilidade de espaço, podemos aproveitar colaborações.

Lily Strehler (São Paulo) Até que enfim um noticiário informativo cultural, coisa que faltou mesmo! Gostamos demais de tudo, inclusive as novidades sobre o movimento de vocês. As notícias sobre Rio, Tijuca etc., excelentes. E as páginas de anúncios tão artisticamente arrumadas, o artigo de Otto sobre Guilgamesh — coisa fabulosa... o que mais nos impressionou foi o grande humor ao lado da seriedade e alto nível artístico, humano e cultural. O verdadeiro humor, que mais nos falta, principalmente nos últimos tempos, nesta terra abençoada. É por isso que peço ao tal Acácio escrever mais um negócio tão hilariante como aquele Simpósio — foi uma das coisas mais engraçadas que temos lido ultimamente e ficamos rindo à bessa.

Lily, é formidável para nós saber que o TEP tem agradado em toda parte. Acácio dobrou a dose neste número. Continue escrevendo.

H. Raul Silva (Libertad — Uruguai) Buscando profundizar um pouco mais sobre lo-que es el TEP, como experiência nueva, sus obras etc...

Raul, respondemos por carta e continuará a receber o jornal. Em geral estamos sensibilizados com o enorme interesse que nosso movimento vem despertando no Uruguai, o que ficou demonstrado pelo número de cartas recebidas de lá. Esperamos que o teatro de rua ecloda em seu país também, Salud Raul.

Escreva para Caixa Postal ... 12.193 ZC-07 — 20.000 — Rio — GB.

LAVA-SE TAPETES.  
e  
estofados  
NO LOCAL.  
Método inédito  
Garantia absoluta  
Santos — tel. 242-0904

**B**

**balbi & balbi Ltda.**

RUA BARATA RIBEIRO, 319 - GB  
(Esquina Rua Paula Freitas)  
DISTRIBUIDORES DE VALORES

- \* Ações
- \* Fundos e Incentivos Fiscais
- \* Letras de Câmbio

Tels. { 255-3725  
255-3355  
236-7598



**LANDAU**  
decorações

Rua Barata Ribeiro, 345-L  
Tel.: 255-0454  
Copacabana - Rio

**REI**  
das Calças

**REI DAS CALÇAS**

Av. N. S. de Copacabana, 1150-B  
Tel. 235-3735  
Rua Visconde de Pirajá, 188-D  
Ipanema  
Av. Ataulfo de Paiva, 1098-A  
Leblon

AUDIO ELETRON

Rua Figueiredo Magalhães,  
286, s/loja 202. Tel. 255-0395

Aparelhos de som  
importados



MODERN SOUND  
R. Barata Ribeiro, 502  
loja 2. Tel. 255-1724  
Discos importados

MATEMÁTICA  
PORTUGUES

Para todas finalidades  
AULAS: R\$10,00  
Recados: Tel. 256-2358

ANTIGUIDADES

**DARLAN**

Rua Toneleros, 244

Telefone 256-0827

**YOGA**

**GINÁSTICA E RELAX**

- Copacabana: Av. Copacabana 807  
— s/301 — Tel.: 255-4788
- Ipanema: Rua Visconde de Pirajá,  
22 — s/202 — Tel.: 247-5075
- Largo do Machado: Lgo. do Ma-  
chado, 29 s/loja 222 — Tel.:  
285-5459
- Tijuca: R. Alm. Cochrane, 85 —  
Tel.: 264-3305
- Niterói: Rua Cel. Moreira Cesar —  
s/loja — Tel.: 711-9854

**CAIO MIRANDA**

**Belle Cose**

**BANHO  
CAMA — MESA  
IMPORTADOS**

Rio: R. Barata Ribeiro,  
630-B. Tel. 237-3679

São Paulo: Alameda  
Jaú, 1567

**Escola Pratt**  
DATILOGRAFIA

Av. Cop. 583/208  
tel. 255-3866

**devon**  
Artigos finos para  
homens  
Lançamentos UNISEX

AV. N. S. COPACABANA, 1074  
ESQUINA DJALMA ULRICH, 154

TEL. 256-5674  
RIO DE JANEIRO - GB

# Copacabana

## — O CÉU É O LIMITE.

Copacabana um dos bairros famosos do mundo, continua a crescer. Quando se diz, que o céu é o seu limite, a frase não se refere evidentemente ao gabarito das construções. Este dificilmente será rompido. Mas em muitos outros sentidos a Copacabana mostra tendências a uma evolução sem limites visíveis.

No sentido físico afirma-se que o conjunto Copacabana—Leme—Urca, ocupando toda área edificável dentro do gabarito atual, teria uma população de mais de

dois milhões de habitantes. O que isto significa, qualquer um pode imaginar.

De outro lado observamos uma cada vez maior diversificação. Copacabana, uma cidade dentro de uma cidade, fica cada vez mais cosmopolita. Antigamente havia três cidades no mundo, Paris, Nova York e Londres, onde se podia encontrar pelos restaurantes, tanto um Ninho de Andorinhas com Ristafel à malaia, como uma Paella à Valenciana, Barbatanas de tubarão ou Apfelstrudel à Vienense.

Hoje em Copacabana pode-se comer também qualquer destes pratos e ainda vestir um dolman a Mao-tse-tung ou um sari da Índia, sem chamar a atenção.

Não é naturalmente tudo tão róseo assim. É necessário que se cuide do futuro de Copacabana com carinho e atenção, pois todas as cidades que tem o céu como limite, podem ter o inferno como fronteira.

E nós aqui em Copacabana não desejamos vizinhos tão incômodos assim.

### “Panorama do Teatro Moderno” no Colégio Afonso Celso em Campo Grande

Na primeira quinzena de novembro Otto e Florence Buchsbaum realizarão em Campo Grande no Colégio Afonso Celso um ciclo de conferências sobre “Panorama do Teatro Moderno” no horário das 16h30min.

O ciclo se compõe das seguintes conferências: 1) As tendências do Teatro Moderno. 2) Engajamento ou Problemática existencial. 3) Teatro Moderno no Brasil.

Todas conferências serão ilustradas por leituras dramáticas de cenas de peças.

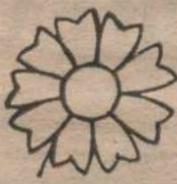
**INGLÊS no FLC**  
 UMA TRADIÇÃO DE ONZE ANOS

- Audiovisual
- Regular
- Aperfeiçoamento
- Conversação

Sta. Clara, 33, gr. 1106  
 255-3213

ADULTOS — JUVENIL — INFANTIL

**GESTANTES E BEBÊS**



*Yamy y Baby*

MODAS  
 Rua Miguel Lemos, 17-B  
 Tel.: 255-1221

**CURSO P31-CO/EINSTEIN**



Pré-Vestibular  
 COMSART — COMBINED — COMCITEC  
 Convênio

Av. N. S. Copacaba, 1.183  
 - 6º andar — Tel.: 267-9917

**PRONTO BOX FÁBRICA**

RUA RONALD DE CARVALHO, 154-A — TEL. 237-5484

- portas para box
- fechamento de áreas
- esquadrias em alumínio
- divisão de interiores
- rebaixamento de tetos
- revestimentos Vulcatex
- revestimentos Vulcapiso
- tapetes

Orcamentos Sem Compromisso  
 CHAMAR REPRESENTANTE PELO TELEFONE

**PLUFT**  
 modas infantis



Av. Copacabana, 581-C  
 Tel.: 235-5325

**CRISTALPAX**



Espelhos — Cristais — Tampo de Mesa — Molduras — Acrílicos — Colocação de Vidros — Atacado e Varejo

R. Xavier da Silveira, 50-A — Tel.: 236-7072 e 255-0868  
 R. Visconde Pirajá, 414 — Tel.: 267-5097 e 227-0746  
 Nova Fábrica: R. Monsenhor Manoel Gomes, 70-A.

**VOU OBTER O MEU DIPLOMA**



**GINÁSIO - CIENTÍFICO VESTIBULAR NO KEPELL**

AV. N. S.ª COPACABANA, 435  
 12.º AND.  
 É FÁCIL

**GINÁSTICA**

feminina, masculina — especial para crianças

Professores: A. Carlos — Menescal e Rogério

Av. N. S. Copacabana, 500 s/306.

Na apresentação deste anúncio ficará isento da taxa de matrícula



**MAZOMBO**  
 Móveis e Decorações



Rua Barata Ribeiro, 669-A - Tel. 237-3318

Rua Riachuelo, 121-A

**mic-mac**

BIJUTERIA

GALERIA CENTRAL COPACABANA  
 LOJA S/S E

Cristais - Pratas - Porcelanas  
 Nacionais e Estrangeiros

**REFLEX**

Artigos Finos para Presentes

RUA FRANCISCO SA, 35-B  
 Tel.: 267-4455

**RT**

TAPEÇARIA — CORTINAS — TAPETES — GALÕES — BÓRLAS

LOJA E ATELIER:  
 Rua Dias da Rocha, 20 — Loja/C — Tel.: 255-3650

**Kinoki Boutique**  
 MODA JOVEM

BIJOUTERIAS E PRESENTES  
 R. BARATA RIBEIRO, 771-B  
 TELS.: 256-8333 - 257-7535

**Beleza é com a BELCOR**

Massagens manuais e eletrônicas para o corpo, emagrecimento e celulite — Banho de parafina  
 Tratamento de rejuvenescimento com ampola de Placenta Peeling

CLÍNICA DE BELEZA BELCOR  
 Av. N. Sª Copacabana, 680, s/402 — Tel.: 235-4358

**BERLINER**

Conzertos, Niquelagem, Dourado, Prateado e Renovação em qualquer cor de Metal

Artigos para decoração e Presentes finos

COPACABANA — Rua Barata Ribeiro, 593-B — Tel.: 256-4851  
 LOJA BOTAFOGO — Rua Voluntários da Pátria, 244-A — Tel.: 246-9201  
 LOJA IPANEMA — R. Visconde de Pirajá, 106-S/ Solo. — Tel.: 287-3326

**Stael**

MODAS - SPORT - PRESENTES

Av. N. Sª de Copacabana, 312-A  
 Tels.: 257-4371 - 255-2070

**DDTIZAÇÃO**

**INSETISAN**

227-228-246-247-

**9797**

e um pouco mais caro mas é muito melhor...

# LEBLON onde o Sul é mais Sul

**hollauer** Av. Ataulfo de Paiva, 1063-A  
 TEL. 227-4976

AMPLIFICADORES  
 TAPE DECK  
 TUNERS

T. DISCOS PROFISSIONAIS  
 CAIXAS ACÚSTICAS  
 FITAS IMPORTADAS

Assistência Técnica Permanente

Bar e Restaurante Degrau



Av. Ataulfo de Paiva, 534

**na**

**MOBÍLIA ATUAL**

TIJUCA  
 Rua Haddock Lobo, 303-B  
 Tel.: 234-3123

LEBLON  
 Av. Ataulfo de Paiva, 80-D  
 Tel.: 267-1727

Grande Sortimento de Artigos Nacionais e Estrangeiros

**BASTOS alfaiate**

Artigos Finos

Rua Cupertino Durão, 96-B (esq. de Ataulfo de Paiva — Leblon)  
 Tel. 287-4130



**Ascot**

Artigos Finos Para Homens  
 Av. Ataulfo de Paiva, 375-C  
 Tel.: 227-8145



**DHD ACADEMIA DE BELEZA**

R. Carlos Góis, 71. Tel. 267-7972

**PORTUGAL JÓIAS**

ARTIGOS PARA PRESENTES

Ouro — Pratas — Jóias — Relógios  
 Conserios Congêneres

AV. ATAULFO DE PAIVA, 375-D  
 LEBLON — TEL. 227-3545

## O YAZIGI NÃO IMPORTA MÉTODOS



O Yázigi, uma organização de ensino de idiomas, já tem 21 anos de existência e agora, depois de uma longa jornada de expansão, já existe em mais de 400 cidades do território nacional.

Seu método, o método Yázigi é genuinamente nacional, enfrentando o problema de ensinar idiomas especificamente para brasileiros e aproveitando durante o ensino todas semelhanças e todos os contrastes entre o português e a língua estudada.

Nisto o Yázigi diferencia-se fundamentalmente de outras organizações de ensino, que usam métodos criados nos países de origem, para ensinar o idioma indistintamente para pessoas de qualquer procedência e que por isso precisam abdicar da possibilidade de facilitar o estudo, através de comparações. Evidentemente, ensinar inglês para um chinês, requer métodos diferentes do que o ensino do mesmo idioma para um árabe. E quando se pretende ensinar inglês a um sueco, é preferível apelar para as semelhanças das duas línguas; quem fala português e pretende aprender inglês, encontrará também facilidades com relação às muitas palavras de origem latina que o inglês conserva.

Ao criar um método comum de ensino, com validade para pessoas de qualquer origem, é necessário procurar um denominador comum. A enorme dissemelhança entre a totalidade dos idiomas em uso, torna este denominador comum, muito grande, o que acrescenta uma nova dimensão de dificuldade ao ensino.

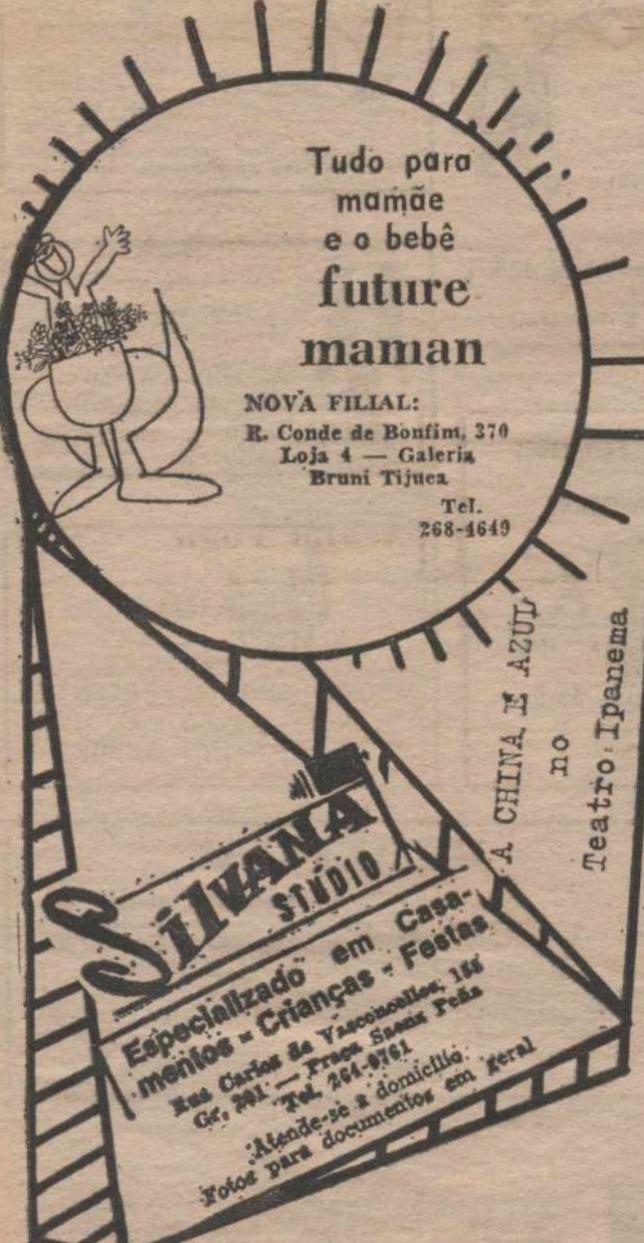
O método Yázigi não pretende servir para ensinar inglês para chineses, nem francês para russos; modesta e eficientemente limita-se ao ensino de inglês, francês, alemão etc. especificamente para brasileiros. Neste processo usa-se de todos recursos possíveis — que tempest é tempestade e nation, nação, para qualquer estudante brasileiro é evidente; são palavras fáceis, semelhantes, que despertam associação de idéias e sugerem métodos de memorização. O método Yázigi, conscientemente aproveita todos os detalhes e como resultado final, o estudante não só aprende inglês ou francês, mas também aprenderá a traduzir para estas línguas suas próprias vivências e ansios, pois aprendeu algo vivo, ligado às próprias experiências e não uma língua abstrata — denominador comum das possibilidades de aprendizagem de chineses, suecos e bantus.

No ensino Yázigi, os tão badalados métodos áudio-visuais são também um dos elementos. Aliás, o Yázigi adotou o áudio-visuais muito antes de virar moda e continua sua utilização de maneira moderada, dentro das necessidades. O Yázigi não concorda com o fetichismo do audiovisual, que considera uma robotização do ensino, pois representa a substituição do professor, individualizado e capaz, pelo método todo-poderoso, mecânico e estereotipado.

A tudo isto o Yázigi deve sua posição de liderança e sua enorme expansão que já atingiu, como se afirmou no início, mais de 400 cidades brasileiras.

E cada vez mais estudantes vão descobrindo que em matéria de idiomas, o caminho mais curto entre dois pontos (o não-saber e o saber) é o Yázigi.

## Tijuca a escalada do progresso



Tudo para mamãe e o bebê future maman

NOVA FILIAL:  
 R. Conde de Bonfim, 370  
 Loja 4 — Galeria  
 Bruni Tijuca  
 Tel. 268-4649

A CHINA É AZUL no Teatro Ipanema

**SIVIANA STUDIO**

Especializado em Casamentos - Crianças - Festas

Rua Carlos de Vasconcelos, 188  
 Gr. 201 — Praça Saenz Peña  
 Tel. 264-9761

Atende-se a domicílio.  
 Fotos para documentos em geral

**ótica STAR**

LENTES AOLITE (PLÁSTICAS) FOTOCROMÁTICAS VARILUX ETC.

CONCERTOS INTEIRAMENTE DE GRAÇA

Rua Conde de Bonfim, 480-B  
 Em frente ao Tijuca Tênis Club  
 Tel.: 268-9131

**Tuninha BEBÊ**

RUA CONDE DE BONFIM, 281  
 TELS.: 264-3175 — 248-9808



**Inglês Francês Alemão**

AUDIO - FÔNICO - VISUAL  
 APRENDA OS IDIOMAS CONVERSANDO TURMAS DE 8 ALUNOS

RUA GEN. ROCA, 778 — 10.º S/1010 — TEL.: 268-9153  
 SAENZ PEÑA — TIJUCA

**SOL-CRIS MODAS E CABELEIREIROS LTDA.**

ALUGUEL PARA NOIVAS VENDAS E CONFECÇÕES

Manicure — Depilação a Cera Fina

Rua Conde de Bonfim, 685, s/ 225  
 Tel. 228-1812

**IMÓVEIS VENDA — COMPRA — ADMINISTRAÇÃO.**

Temos a solução adequada para qualquer problema do ramo imobiliário

- \* Direito Imobiliário
- \* Legalização de documentos
- \* Contratos, distratos, informações de imobiliário
- \* Imposto Transmissão
- \* Documentos em geral
- \* Legalização de firmas
- \* Orientação em escrituras

**ESCRITÓRIO JURÍDICO E IMOBILIÁRIO DR. CARLOS AUD**

Rua dos Araújo, 3, térreo — Tel.: 234-3529 — Croci 2407



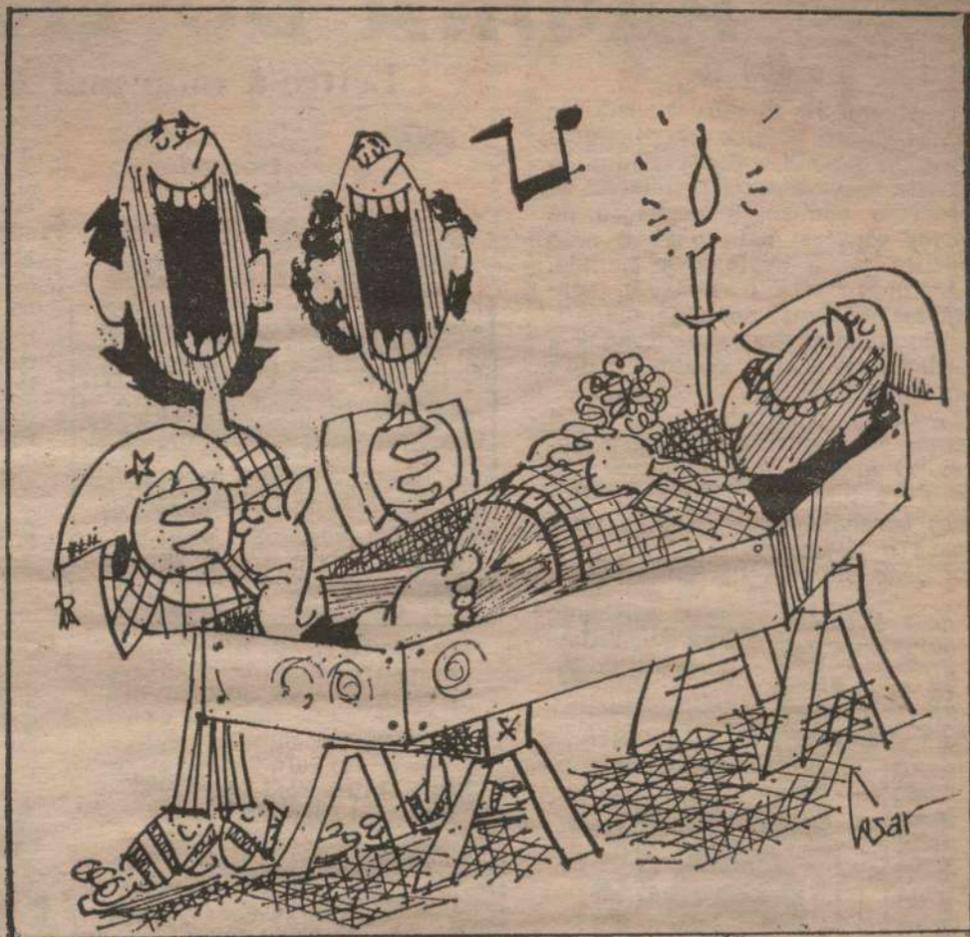
# A INCELENÇA

## CANTIGA

### DE

# NOITES TRISTES

De Otto Buchsbaum



A inceleção é um rito mortuário ainda muito em voga nas zonas rurais do Nordeste e também em outras regiões brasileiras.

A característica básica da Inceleção, também chamada Excelência em outras regiões, é a repetição de certas cantigas rituais em presença do morto.

Sendo o Nordeste a região onde o hábito de "puxar inceleções" continua mais difundido, vamos examinar de que maneira, se pratica lá este rito funerário.

Quando alguém está próximo a morte ou já morreu, conclama-se os vizinhos com o brado "Irmãos das Almas" a comparecer à cerimônia.

Costuma-se cantar as inceleções não só para os mortos mas também para os moribundos e mo complementação ou substitutiva da extrema-unção. Enquanto se chama o padre, começam a puxar as inceleções, e nem com a chegada do padre estas se interrompem, pois a inceleção tem que ser cantada 12 vezes. Sua interrupção é um grave pecado, pois diz a tradição que quando começam a cantar, Nossa Senhora se ajoelha, para só levantar quando terminam, e quando o canto é interrompido, continua de joelhos, e o espírito do morto ou moribundo devido a este desrespeito não ganhará a salvação. Quantas extremas-unções já foram dadas por este Brasil afora, tendo como fundo a cantoria das inceleções.

O corpo passa a noite toda iluminado por velas, enquanto os que cantam as inceleções ficam junto aos pés do morto. No começo da noite de vigília, também chamada sentinela, combina-se o número de cantigas para preencher a noite toda. Nos intervalos bebe-se cachaça e entre os comes e bebes a conversa nem sempre é muito piedosa e própria para a ocasião.

Exemplo duma inceleção típica do Nordeste, é a seguinte:

"Uma inceleção ó mãe senhora  
[minha!  
Eu levo, eu peço, eu rogo  
Uma salve ó Rainha!"

O texto continua com "duas inceleções ó mãe senhora minha!", sempre igual até doze.

Uma, duas e no máximo três vezes durante a noite costuma-se cantar os benditos, para isso todos os presentes se agrupam junto à cabeça do morto. Se durante as inceleções, que são o canto comum da noite de sentinela, nem sempre se consegue a participação, ou ao menos o respeitoso silêncio de todos, nos benditos a atenção é geral.

Sucede que os benditos dão um caráter tão extraordinário ao ambiente, que as conversas rareiam, as brincadeiras cessam e parece que a raça adormecida torna-se consciente, e volta a viver um tempo diferente, as pessoas se transmudam e crescem como as sombras dentro das paredes, caídas e nuas.

Um bendito recolhido na região de Canudos (Açude de Cocorobó) no sertão da Bahia é este que segue:  
Quem ama Jesus no céu  
de todo seu coração  
é feliz em todo tempo  
herdeiro da salvação  
O meu amado São Félix  
Amado do coração  
Abençoei este corpo  
Com a vossa santa bênção  
Lá vem meu querido São Félix  
Brilhando como um andor  
Vem buscar esta alma  
Que Jesus Cristo mandou  
Oferecemos este bendito  
Ao Senhor daquela cruz  
Ao meu amado São Félix  
Ao coração de Jesus.

O ritual fúnebre da inceleção não é no entanto apenas um fenômeno do Nordeste, mas é conheci-

do em maior ou menor escala em todo o Brasil, do Rio Grande do Sul ao Amazonas.

No sul do Brasil, a inceleção mostra claramente suas origens ibéricas, temos inclusive notícias de excelências, assim é o nome que os portugueses lhe dão, cantadas em colônias açorianas, em Santa Catarina.

Em São Paulo e no Paraná há dois tipos de inceleções: a autóctone e a trazida por nordestinos para as zonas pioneiras dos dois Estados.

O tipo autóctone encontramos no extremo sul do Estado de São Paulo e na região entre Sengés e Reserva, no Paraná.

José Nascimento de Almeida Prado recolheu próximo a Itararé a seguinte inceleção:

"Uma inceleção da virgem do

[Rosário

ventre nasceu o Senhor do Sacrário  
Abram-se as portas  
Deixai o vento entrá  
Que eu quero ver no céu  
Os anjos passeá"

No caso das inceleções que se cantam pelo Brasil afora, existe geralmente uma nítida fusão de tradições ibéricas com o ritual mortuário banto, o "itambi", como também em menor escala influências do "axêxê", rito funerário nagô.

No itambi em especial, notamos as mesmas características de repetição dos versos, da proibição de interrupções e da mistura do profano com o místico e sagrado.

No itambi, a repetição das rimas rituais ocorre geralmente sete ou nove vezes. Exatamente por causa disso, há na Bahia e em certas regiões do Noroeste de Minas Gerais, como em São Romão e Januária e mesmo em São João da Chapada, junto a Diamantina, onde a influência banto é mais nítida, inceleções com apenas sete repetições.

A maior contribuição para estes ritos funerários veio-nos no entanto do Portugal, lá as excelências subsistem até hoje no Douro, no Minho e na Beira. Pelos costumes portugueses há também doze repetições, somente que a primeira inceleção se canta uma vez, a segunda duas vezes e assim em diante até a última que se canta doze vezes. O que significa que cada excelência é cantada 78 vezes. Por causa disso temos no Portugal habitualmente rimas bem sucintas, como esta:

"Primeira excelência sem jaça  
que deu o Senhor a "Senhora da  
[Graça"

A excelência portuguesa, a ibérica em geral e a marroquina são de origem babilônica-acádica, introduzidas na península ibérica por fenícios e árabes.

Citar os fenícios neste contexto poderá surpreender muitos folcloristas, mas na Andaluzia pré-árabe, onde a colonização fenícia foi particularmente ativa, havia já ritos fúnebres do mesmo tipo das inceleções.

Que estes mesmos rituais funerários já eram característicos da civilização acádio-babilônica é hoje, depois da tradução de inúmeros textos cuneiformes fato incontável. Estes antiquíssimos rituais da velha Acádia remontam a 4.000 anos e já apresentavam o mesmo tipo de emoção cantada e a mesma repetição hipnagênica, além da mesma proibição de interromper a cerimônia.

Atraz deste singelo cerimonial dos nossos camponeses há pois quatro milênios de história.

Vamos nos lembrar disso quando ouvirmos pela noite silente o som das cantorias. Vamos deixar-nos envolver pela magia destas vozes, ouvindo a toada crescer como um órgão distante, propagando-se facilmente no ar seco dos tabuleiros, com sua modulação cheia de síncopes.

# TCHAU CARAMINHOLAS

De Acácio

Cada um tem sua carreira, ora, é lógico que eu tenho a minha. Antes de eu vir pra cá, para o Rio, eu trabalhava num jornal bem importante de Minas. Trabalhava não, eu era fundador, diretor-presidente, redator-chefe (e sei lá que mais) do **Vanguardeiro** de Caraminholas.

Eu mandava um bocado naquela cidade, era do Rotary, da Irmandade da Santa Casa, era conselheiro do Clube Recreativo e Literário e diretor do Futebol Clube Caraminholas. Mas o negócio não ia bem, o comércio foi fracassando, assim um dia precisei fechar o **Vanguardeiro** (que pena, que pena), e me mandei pro Rio.

Cheguei aqui na cidade, o pouco dinheiro que trouxe ficou pelo caminho e assim logo danei de procurar emprego.

Fui direto nos classificados dos meus confrades do **JB** e lá, nas ofertas de empregos, encontrei alguns anúncios bem tentadores. Fui logo apresentar-me no primeiro — estavam procurando pessoas cultas. Pensei logo, cultura é comigo — não que eu tenha furado muitas calças nos bancos escolares — mas qualquer um sabe — que mais vale a prática do que a gramática — e cultura prática era comigo mesmo — os oito anos que dirigi o **Vanguardeiro** e pontifiquei na Sociedade de Caraminholas marcaram, afinal, a minha personalidade.

Cheguei no endereço indicado — fui atendido pela secretária: "É do anúncio?" ela perguntou. "Sim, evidentemente", respondi com a voz mais culta possível.

"Então, queira preencher este formulário", dizendo isso, a garota me entregou um papel branco cheio de perguntas.

Eu sou de Caraminholas, sou sim, mas não sou caído na cabeça não, a minha carreira jornalística me transmitiu a experiência da vida e esta experiência da vida tem seu valor específico, tanto em Caraminholas, como no Rio ou mesmo em Nova York e Roma.

Eu sabia logo de que se tratava, era um teste, tratava-se do famigerado vestibular, a barreira que se ergue entre o homem e seu futuro. Enfrentei a emergência com bravura.

A primeira pergunta era até bem fácil. Queriam saber meu nome completo. Ora este eu sabia, pensavam por ventura que eu estava atacado de amebíase? Meti lá José Firmino Dominguez, nascido em Caraminholas, em 29 de fevereiro de 1940 (pô, sou bissexto sim, o que que tem?

O danado é que faço aniversário só cada quatro anos).

Perguntavam também os nomes de pai e mãe. Eu sabia, sabia sim, estava-me saindo bem no teste.

Mas logo estranhei uma coisa. O teste não perguntava pelo nome dos avós. Como é que é? Será que pensam que não sou de família tradicional? Que gente cafona estes cariocas.

O item seguinte era gozado. Dizia — Instrução — primária — secundária — superior — ... ora perguntar isto para um homem de cultura como eu... É lógico que a instrução não pode ser um assunto nem primário nem secundário — instrução é superior — lógico — perguntar isto a mim que pelo **Vanguardeiro** pugnava pela mais legítima cultura mineira...

Respondi o teste até o fim e sei que me sai de maneira brilhante, tanto assim que minutos depois fui chamado para o gabinete do diretor da firma.

Este me recebeu de maneira muito cordial, chamando-me de Dr. José, reconhecendo assim meus méritos.

A firma era uma escola de inglês, uma escola que o aluno não precisava frequentar, pois bastava comprar a coleção de discos e zás-trás já sabia o idioma de... neste ponto o diretor da firma hesitou um pouco, procurando lembrar-se do nome dum Camões gringo qualquer, até que completou... o idioma de Nixon.

Ele disse também que por tratar-se de um estabelecimento de ensino, ele dava preferência a homens (cavalheiros) de instrução superior, por isto ele me tinha atendido antes dos outros candidatos.

Os discos da firma, que tinham tornado obsoletas todas as escolas de inglês eram vendidos em suaves prestações e facilitavam o aprendizado deste idioma bem antes do final do pagamento. Bastava tocar os discos com frequência, mesmo enquanto jogava cartas, dormia, almoçava ou jantava e o inglês entrava sozinho na cabeça do freguês.

A minha função na firma seria angariar compradores para estas maravilhosas coleções de discos, através da fluência da minha palavra, e o diretor da firma calorosamente me explicou que tinha certeza que minha cultura superior me indicava para tal cargo.

Em seguida perguntou se eu sabia inglês.

"Bem, disse eu, já não sei mais inglês tão bem como antigamente, mas creio que sei o suficiente para o uso cotidiano.

Conheço expressões como O.K. que significa O.K. mesmo, ou ma tante, que é minha tia, ou **bonjour** que quer dizer bom dia, ou **areviderci** que quer dizer — cada um na sua. Mas isto o senhor deve saber ainda melhor **TRU** eu — disse ao diretor. — **TRU** me respondeu:

"**NO**velizmente não, não sei a língua de inglês e não tive a oportunidade de recorrer aos maravilhosos discos que vendem

"Que pena" (é pena mesmo) mas neste caso porque montou uma escola de inglês?"

"Não fui eu que montei", contou o bom diretor suspirando, eu emprestei dinheiro a um tal de Gonzalez que era dono da escola. E quando vi que não recebia nem juros, nem capital, resolvi receber a escola pela dívida e tomar eu mesmo conta. No começo o lucro dos meus dois açougues, eu sou açougueiro sabe, mal dava para cobrir os prejuízos da escola, pois o Gonzalez podia ser um grande professor de inglês, inventor destes maravilhosos discos que ensinam sozinho, mas não tinha prática de nada — esta escola era uma grande bagunça — tomei eu conta da escola e as coisas foram endireitando, fiz publicidade, botei corretor, os alunos pagam direitinho no banco... agora já está dando lucro... agora com sua cooperação... um homem culto — linguísta — há de melhorar mais ainda — e sabe Dr. José, ele falou para mim: "O senhor aqui vai fazer seu futuro."

Dito feito, sai vendendo disco, e atrás de mim uma turma de corretores sob minha orientação — camarada que quer aprender enquanto dorme, joga cartas, lê jornal e sabe lá que mais, tem muito. As vendas têm sido boas, mas boas mesmo, tenho ganho dinheiro, bastante dinheiro, estou até com vontade de reabrir o **Vanguardeiro** aqui no Rio mesmo e mostrar para esta gente o que é jornalismo.

Aqui na escola de vez em quando há reclamações, o cara liga a vitrola enquanto dorme, mas dorme profundo demais ou a vitrola se desliga, sei lá, só sei que o camarada reclama porque não aprendeu inglês. Mas ora nós garantimos os discos, não podemos garantir nem quociente de inteligência nem funcionamento de vitrola, isto não é assunto nosso, mas agora tenho que terminar, estou com pressa, vou fazer uma conferência sobre linguística. Sempre sou solicitado... Outro dia tem mais.

## OFICINA MECÂNICA HERBY FUSCA

Especialidade em Volks. — Lanternagem, Pintura, Mecânica e Eletricidade. Rua Eraldo Cordeiro, 906 — Jacaré Tel.: 261-5001

## BADIA

A ÚLTIMA PALAVRA

EM

PAPEL DE PAREDE

VAREJO - GUANABARA

AV. COPACABANA, 492 — 1.º

TELS.: 235-7096 — 236-5361

SENADOR DANTAS, 117/230

BARATA RIBEIRO, 593

ORÇAMENTO A DOMICÍLIO



INCLÍS... **Yazigi**  
SE APRENDE NO

TIJUCA:

RUA MARQUÊS DE VALENÇA, 36  
228-8816 — 264-9617

CENTRO:

AV. RIO BRANCO, 156 - GR. 2237  
252-0530 — 232-5285



## CENTRO DE LENTES DE CONTACTO

Nova técnica usada na Europa de lentes flexíveis flutuantes dando maior conforto e de fácil adaptação.

TESTE GRATUITO

Av. Rio Branco, 108 — Sala 107 —  
Tel. 252-6491

Rua Sta. Clara, 115 — Sala 203 —  
Tel. 255-0842

NITERÓI: Av. Amaral Peixoto, 334  
— Sob-Loja — Tel. 3993

DESCONTOS E  
FINANCIAMENTOS  
PARA UNIVERSITÁRIOS

## Obras

## Reformas

INSTALAÇÕES COMERCIAIS

## Plato

## Engenharia

FRANKLIN ROOSEVELT, 39 —

S/ 914 — TEL. 242-0904

# TESTE CUPA

De Acácio



O teste de Cupa (há pedantes que teimam em escrever Cooper) continua empolgando. Hoje em dia ninguém mais dá apenas uma corridinha, ninguém faz um treino atlético, isto já era, a hora é de cuparar.

O teste Cupa no entanto não é nada corriqueiro, é assunto bem complexo, mesmo, quando encarado apenas do seu lado físico e atlético.

Há o Cupa voluntário, esportivo, dos que movimentam as matinas das nossas orlas praiieras com suas corridas e andanças ritmadas, há o Cupa profissional do vendedor ambulante, do pébolista remunerado, do carteiro e de outros tantos andarilhos por profissão e há também o Cupa forçado, compulsório dos ladrões em fuga, dos pedestres em travessia e de outros cuparistas por necessidade.

O teste Cupa caracteriza-se por um esforço constante (co), comedido (co) persistente (pe) e matinal (ma), o que se resume na sigla cocopema, que é essência do Cupa.

Neste contexto é importante fixar de uma vez para sempre, que cocopema absolutamente não é o substrato sólido das águas da baía da Guanabara, como alguns ignorantes pretendem.

Essencial no Cupa é sua matinalidade; os esforços ves-

pertinos e noturnos por mais constantes, comedidos e persistentes que sejam não podem ser classificados como cuparizados.

O Cupa não se resume a suas aplicações físicas e atléticas. Há aliás uma subdivisão fundamental, uma dicotomia que divide o Cupa em dois tipos: O Cupa físico — Cufi, e o Cupa espiritual — Cuspi.

Como até agora temos falado do Cufi — vamos dedicar nossa atenção ao Cuspi, que é muito mais complexo, por suas aplicações do Cupa em todos os ramos da cultura, ciência e arte.

Primeiramente mencionaremos uma categoria que nós mesmos rejeitamos. Trata-se do Cupa Cultural — Cucu, defendido por muitas correntes. Para nós trata-se de expressão pleonástica, pois a palavra Cupa é sigla de cultura padrão.

Mas temos outros ramos sumamente legítimos que vamos enumerar. Cupa teatral — Cute, Cupa da Poesia — Cupo, Cupa da Música — Cumu Cupa Campeão — Cuca, o que ao mesmo tempo quer dizer cabeça do movimento cuparizador.

De grande importância é o Cupa literário — Culi, que já está dando resultados práticos na produção literária, o que demonstra que a finalidade de tu-

do isso não é somente demonstrar a versatilidade da partícula, formada pelas duas letras iniciais da palavra cultura.

O Cupa literário — o culi é o esforço constante, comedido, persistente e matinal (cocopema) na produção literária. O escritor em perspectiva senta diariamente pela matina diante da sua máquina de escrever marca ..... (um escritor cuparizado não menciona qualquer marca de fábrica sem a devida remuneração prévia — viva nosso sindicato) e escreve durante um tempo fixo estabelecido, mas sempre no mínimo uma página. Escrevendo uma página por dia, no fim do ano terá produzido um livro de 365 páginas (nos anos bissextos 366 páginas, que poderão ser chamados livros bissextos) o que é um ótimo tamanho standard tanto para romances como para ensaios.

Assim, através do cocopema, qualquer ser humano alfabetizado e datilógrafo poderá tornar-se escritor, desde que suficientemente abonado para custear a edição dos próprios livros.

Este esforço coletivo cuparizado no campo livresco já garantiu um considerável aumento na produção editorial e de acordo com cálculos abalizados poderá levar facilmente a um au-

mento anual de 1118% do produto bruto literário nacional per capita.

Afirma-se que um país se faz com homens e livros, e como ninguém pode duvidar da nossa masculinidade, só falta ainda abastecer-nos de bastante livros através da cuparização.

Mas as aplicações do Cupa não param aí. Transportes, Química, Física, Dança, Indústria, Comércio, Navegação e quanta coisa mais pode ser dinamizada através deste prefixo mágico que transforma tudo.

Vejamos por exemplo uma das mazelas dos dias que correm: O desânimo do nosso mercado de capitais. Gente vamos cuparar. Vamos iniciar o Cupa do Mercado de Capitais — o Cumeca. Vamos abrir a bolsa bem de manhãzinha (vocês sabem o esforço tem que ser matinal) e todo dia de manhã, durante meia hora todo mundo compra. Depois fecha-se a bolsa rapidamente e só abre na manhã seguinte. Gente cuparando assim, num mês nós temos a bolsa mais saudável do mundo.

Gente vamos conjugar o verbo cuparar e vai ser uma maravilha em tudo... Eu cuparo, Tu cuparas, ele cupara, nós cuparamos.... vamos pessoal continue..... vamos todos cuparar.

## TEATRO AO ENCONTRO DO POVO

CAIXA POSTAL 12.193 — ZC-07 — 20.000 — RIO — GB

D.C.E. - U.R.V.  
26 2 73

Caso o destinatário não seja encontrado dentro de 10 dias, favor devolver para Caixa Postal 12.193 — ZC-07 — 20.000 — RIO — GB